## EDUARDO CAMPOS

/ocabulário /ntigo

e mais coisas não menos longevas

> Fortaleza 2003

#### Copyright © 2003 Eduardo Campos

PROJETO GRÁFICO Carlos Alberto Alexandre Dantas

> CAPA Eduardo Campos

ISBN 85-7564-115-8

### Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

#### C203v Campos, Eduardo

Vocabulário antigo e mais coisas não menos longevas. Fortaleza: Imprece, 2003. 136p.

ISBN: 85-7564-115-8

1. Literatura-Crônica 2. vocabulário regional-Ceará I. Título

CDD: 871.3

## Explicação a Modo de Prefácio

Palavra, bem comum.

Filha, prospera, aprimora-se ou se desgasta. Some.

Não de raro não mais palavra, palavras.

A coleção desses bens, vocabulário; qual o de que nos valemos todos no dia-a-dia.

Qual, repito, o das horas que passaram, sumiram. Vocabulário Antigo, a que me imponho resgatar agora...

Moeda de ontem, julgarão os apressados, mas padrão monetário de sentimentos que jamais se apagam.

Moeda, que faço circular, mais que bem, como se criatura fosse.

Encanecida, é verdade. E ainda assim palavra. Bem comum.



## Sumário

1ª PARTE
Vocabulário Antigo
2ª Parte
e mais coisas não menos longevas 89 a 135
·
A Sé, a mãe e o menino
Louvação com muito amor
A praça102
A latrina inglesa
O gasômetro e eu
O mar, o mar no Ceará
Fim de ano



lª Parte Vocabulário Antigo



# cidade de Fortaleza,

creiam-me, inseria-se até meados dos anos quarenta numa moldura marcadamente provinciana. Enriquecia o vocabulário de seu quotidiano os ditos, os comentários, as palavras de trânsito popular, mesmo porque a cidade se movimentava praticamente a pé, para os compromissos imediatos.

Perseveravam os tipos populares, pois as pessoas ainda tinham tempo de rir dos outros.

E adotados os apelidos, forma pilhérica de alguém destacar os defeitos de outrem. Lembro ainda hoje com que reverência, mas sem conter o riso, minha mãe referia a apelido pespegado a dom Manoel da Silva Gomes: "Bolo enfeitado".

E na cola desse resgate o espírito irreverente, por exemplo, da Rachel, a empregada, a plantar deboches às pessoas de seu desafeto. Dependendo do relacionamento com os vizinhos, ela esbanja os qualificativos depreciantes. Desse modo ficavasendo "espelho sem luz" a empregadinha negra,

de nariz arrebitado do "seu Cavalcante". "Canário da muda só", senhora de médico conceituado, da vizinhança, obstinada em ir às compras com o mesmo vestido...

Eram os dias de uso da galocha, proteção de borracha para os pés. Depois de algum tempo, o material ia-se arruinando e o calçado protetor ficava visguento e fétido. Nas casas muito chiques a execução de pintura chamada "de pistola", para decorar salas, principalmente a de visitas, por então o lugar mais importante do lar.

E lá se plantavam às paredes os desenhos coloridos (sempre em azul) de carruagens, jarros de flor e passarinhos voando...

Menino passava o pé em cima do sapato novo do amiguinho... "para tirar o selo". Mulher que deixava à vista, descoberta na roda da saia do vestido a combinação (peça de uso de toda mulher), "vendia banha". Mulher grávida simplesmente pegava ou já estava "de barriga". Para a Rachel, de inteligência pícara, a criatura havia "provado da fruta".

Mulher feia, "canhão". Calça de mulher, "sunga". E já pelos anos quarenta, quanto a peça íntima marcava as nádegas, "V-8".

Se alguém por deficiência de raciocínio não chegava a entender de pronto a anedota contada, ia ridicularizada por "comer mosca".

12

Mulher em começo de gravidez, para disfarçar a barriga em crescimento, tinha de usar "matinê", casaco geralmente em tom azul fechado, usando também pelas pessoas mais respeitáveis. Minha mãe de criação não o dispensava em dia enfriado, de chuva.

Mas nunca engravidou...

o redor da mesa, à hora da refeição, à contemplação de pratos de cativante simplicidade culinária, circundava a cordialidade de tempo que imaginei nunca fosse passar, e passou... – os relembrados por mim.

A tanto, sigo contando, tão frugal mas respeitada mesa emoldurada por sutis sabores, por sons de pratos e talheres, um quer que fosse maleável, comunicável, a inserir-se em apetecente atmosfera informal, a toda certeza cristã naturalidade doméstica, a fazer a diferença.

A esses instantes, quem passava da conta, servindo-se com exagero, era tido por "esgalamido".

- "Esse tem fome canina, na certa..." - diziam-lhe.

E caía no ridículo quem exagerava também na bebida. Daí dizer-se a respeito: "Fulano é ver esponja...". Ou, sob igual sentido de julgamento crítico: "Um verdadeiro mata-borrão"...

Quem tomava café quente, a ponto de queimar a língua e beiço, a referir da empregada, "tinha boca de sapo".

Não só bolo "emboloava", mas arroz: "Chi, que arroz mais emboloado, grudento!"

E se por ventura o bife vinha duro à mesa, a desafiar a faca, alguém acudia a julgar: "Não é bife, é uma sola..."

Por esses dias o cardápio agendava os pratos do dia-a-dia: "cavala frita", "sopa de cabeça de cangulo", "tripa assada", "tutu de feijão", "bife acebolado", "fritada de camarão", "sarrabulho", "roupa velha", "pirão escaldado", "baião-de-dois", "caldo de caridade" e daí por diante.

Corda de peixes, vendida á porta, chamava-se "embiriçica".

"Tirar a barriga da miséria", apreciação irreverente ajustada a quem, à mesa, exagerava no prato. "Gororoba", vocábulo depreciativo para designar bebida ou refeição grosseira, sopa, principalmente, que podia denominar-se também "lavagem de espingarda..."

Quantas frases curiosas, chistosas, lembrando os glutões, a mesa posta, a fome saciada etc!

E em torno de tudo, a brejeira mas severa filosofia do comportamento humano: "Ah, fulano está por cima da carne fresca!", ou "Ele agora melhorou muito, anda 'falando de boca cheia'".

Quem contava muita vantagem, certamente 5 estava "gastando goma", ou para os mais desres-peitosos: obrando-a.

ivíamos pelos anos trinta e quarenta, até a meados dos últimos, numa cercadura familiar. Em verdade a sensação é de que todos se conheciam entre si, pois a cidade o bom lugar onde ninguém se considerava estranho, "de fora".

Quando ocorria assim, a pessoa certamente demonstrava ser "do sertão".

Não havia sons elétricos nas casas, não zumbia o refrigerador, e pelo menos nos anos trinta, nem ao menos girava zunindo o liquidificador, pois tudo, como tenho repetido em outras ocasiões, praticavase ao muque, entenda-se, pelo esforço braçal das domésticas, as mais espertas empregadas do mundo, migradas do interior (leia-se sertão), para, inseridas na vida das famílias dar-lhes mil préstimos, até ficar de reféns da afeição, como aconteceu com a Rachel, ao longo do meio século... Uma eternidade.

Daí a circulação, a troca de palavras, de conceitos, ditos chistosos. Tempo em que havia vendedores de redes indo às portas, a mercadejarem, e dentre os tantos alguns pícaros gritando: "Vamos pra rede, Dona". Quando flagrados na impostura e repreendidos, a se desculparem, diziam: – "Falei foi "Vamos ver a rede, dona?".

A sabedoria não estava só nos livros. Assumia fácil percurso na oralidade das pessoas, nas trocas de opiniões, principalmente em hora de mercância, a que se agitava na calçada, o comprador querendo sempre baixar o preço e o cínico do vendedor "fazendo finca-pé", como então referido, a resistir não entregar a mercadoria de "mão beijada".

Ciência para tudo, ciência no sentido de filosofia, de conhecimento abeberado a regras antigas. Conselhos que vinham fácil à boca dos mais idosos, conceitos (ainda que de almanaques) mas que acabavam germinando outra vez em gente nova, como eu, e jamais esquecidos.

A propósito da bondade de minha mãe, sempre disposta a aceitar as leves mas não menos dolorosas ingratidões de parentes, a Rachel era contundente: "Dona Isabelzinha, quem muito se abaixa, o fundo aparece..."

Da empregada sentenças também muito espirituosas, uma dessas a se dar por surpreendida em alguma circunstância de trabalho, na cozinha: "Arre, diabo! Quando penso que estou sentada, estou trepada!"

Quem ia às compras, em mercearia da esquina (bodega assim chamada), falava não de raro

em "mercado". Propunha: "quero um mercado de banha", o que significava determinada porção, uma colher de banha, pastosa, sacada do latão, e, em gesto de prestidigitação, podem crer, logo transferida para o papelucho de embrulho...

Vendia-se tudo às dúzias. Quilo, só de carne...

Banana, negociada por pencas, e essas podiam ser de qualquer tamanho, a variar no preço...

Banana, a fruta mais presente aos mercados, mais ofertada, mais desejada. E também mais aviltada por isso mesmo. Daí a frase debochativa, "a preço de banana"...

Ainda se diz assim, mas há coisas mis desvaliosas hoje...

lário de adoção coletiva, palavras de percurso obrigatório no quotidiano. A exemplo, vem ao caso lembrar: dos anos trinta, a perseverar por diante, indo até os anos cinqüenta, autoridade fardada era militar (em sendo oficial), soldado ou simplesmente guarda. Daí então os guardas de trânsito, guardas de vigilância de jardins (logradouros) etc. Palavras serviam para disfarçar atividades assumidamente íntimas.

Desse modo, não se dizia que a pessoa estava na sentina, para necessidades pessoais, mas no "banheiro". Ou, como admitia a maioria, na "casinha". Vaso (bacia) de privada, tomado por "trono"; penico, por "capitão".

Gente idosa parecia morrer sempre "de repente". Rara a família a não ter em casa parente com sequelas de inesperado acidente cardíaco, por todos classificado de "congestão", truncamento com efeitos físicos e que significavam, no entender do povo, oriundos de "golpes de ar", de "vento encanado", ou ainda do fato de a pessoa haver ingerido alimento frio (não se dizia gelado), após a refeição quente.

Gripe, gripe era, e não virose.

Dois tipos de remédios: os de farmácia e "do mato". Abundantes. Os remédios de farmácia podiam ser de "laboratório" ou manipulados mediante receita médica. E o mato, onde ficava? Respondendo: em "fundo de quintal".

Em avaliação social, quem ludibriava alguém, em negócio comercial "cabeceiro". Rico não roubava, "dava prejuízo", "desviava dinheiro". Ladrão, com todas as letras e a esmagar-se sob o peso do insulto, o que roubava galinha.

Canto, palavra de múltiplos significados. No lar, "canto da parede", "canto da sala", "canto do fogão". E até quem ganhava irmão novo, ficava "no canto"...

Tantas maneiras de dizer, naturais, algumas ligadas à nomenclatura do corpo humano. Por esse tom, aludia-se a uma "boca da noite" (escurecer), a "dedo de Deus", que interfere punindo os maldosos, e por diante, há muitos olhos, isto é, "olho do mal", "olho do tumor", assim como as mãos, que a mão não fica fora desse contexto vocabular. Lembrada em tudo, como mão de auxílio ("me dê uma mãozinha"), ou de modo bastante depreciativo: "fulano é mão de bebê", valendo dizer sovina, miserável...

22

alavra amiga e cordial: compadre, e mais cordial e muito mais amiga: comadre. O compadrio não é regra, mas o entrelaçamento de amigos, institucionalizado nos anos trinta e quarenta. A rua, a cidade, o mundo todo, convive em compadrio. Pelos anos cinqüenta ainda se soleniza o compadrio de fogueira, ritual de aproximação humana e social, assumido com muita seriedade.

Desse modo, na Casa de Juvenal Galeno, ao redor de fogueira tornei-me compadre da sempre lembrada Dra. Henriqueta Galeno, situação em que ela, cheia de bondade, alardeava.

Batizado. À época, acontecimento requintado. Ao nascer a criança, ordenavam-se festejos, comes e bebes, inclusive a galhofa de "beber o mijo do bebê" às saúdes. E vinha outra instituição de caráter familiar: reforço dos laços afetivos por ocasião do batizado, quando se inaugurava a prolongada estima de madrinha e padrinho.

Não era tudo, pois havia até – e deve ocorrer assim, por hoje, mas de modo mais atenuado – a

figura da "madrinha de apresentar", não de raro empregada antiga e de "inteira confiança da família", como se dizia.

Marido podia ser "pau mandado". Nesse caso "barriga branca". "Não "deixava" a esposa, simplesmente "largava". Mulher que traía marido, "pisava na corda". A "oração da cabra preta" abria caminho para a sorte no jogo do bicho.

Pedia esmola às portas cego ou aleijado. Trazia saco às costas e recebia sobra de pão, ou bolacha "fogosa" e, raramente, dinheiro.

Nas recepções em nível de "boa família", cerveja a bebida servida, e não faltava a sangria de vinho para as senhoras, gente que também adorava beber licor manipulado em casa, quais os de tangerina, jenipapo, café...

Pessoas ambiciosas e interessadas no que os outros possuem por então são chamadas "olho comprido". Mulher que fala o tempo todo, "matraca". Por extensão: "matraca de procissão"...

Todo mundo acorda cedo para ir à igreja, despertado pelas "chamadas" do sino: avisos que se dão três vezes em quartos de hora. Pelo menos era assim na Igreja do Patrocínio.

Tempo de retalhos de fazendas, melhor dito, amostras de tecidos amplamente distribuídos aos clientes, tirinhas de pano, em lojas, e na verdade decorrentes do material desejado, podendo ser etamine, gorgurão, seda palha, linho, casimira...

Por esses dias toda dona dè casa sabia fazer tapete de retalhos para a gatinha ("Mimi", o nome mais em curso). E não faltava a proclamada vaidade de exibir às amigas bonita colcha de retalhos... da cama do casal.

"ficar no sereno"... "fazer sereno",

Casamento em casa, geralmente em residências de família importante, exigia "sereno", isto é, possibilidade da participação de quem não era convidado mas podia ficar do lado de fora, na rua (na calçada, quase sempre), acompanhando com a vista (não tinha curso ainda a palavra "brechar") o movimento de convidados, a observar a roupa, notadamente os vestidos das senhoras.

Em livro sobre a Fortaleza antiga creio ter explicado esse tema, referindo até o que se devia entender por "bilhete de sereno", no caso a cessão do "lugar" privilegiado, melhor dizendo, a posição (providência que se efetuava por dinheiro), de onde podiam ser "brechados" os acontecimentos.

Havia "sereno" em muitas ocasiões: em chegada de político, batizado, visita ilustre etc., etc. Tempo de fotos obtidas com Kodak "caixão", ou com máquina complicada e misteriosa, por trás da qual se escondia o fotógrafo praticamente sumido em funérea capa preta.

Tempo de menino caindo, "se ralando" (a maioria dizia "relando"); tempo também de criança com

"pereba", ou fácil em dar "topada", e nesse trânsito soando toda uma linguagem coloquial a exigir iodo para passar na ferida que "perdeu a casca"...

Navio naufragar, avião cair, só acontecia de raridade por esses idos recordados. No entanto sinistro mesmo de "arrepiar o cabelo", "de assombrar" – como se dizia pelo começo dos anos quarenta, tinha de ser "desastre de trem". Daí a propósito de qualquer infelicidade, como exemplo, casamento mal sucedido, mencionar-se qual "verdadeiro desastre de trem".

Falar desordenadamente, em roda de pessoas amigas, falar e falar sem parar, a ponto de incomodar, "cantiga de grilo"... Quem olhava para trás, no escuro, "via visagem". Se colocasse as mãos na cabeça, podia acontecer o pior; "pois agourava a pai e mãe". "Trouxa", rol de roupas servidas (ou não) arrumadas dentro de lençol de cama, e conduzida à cabeça de lavadeiras...

Para identificar azar, dizia-se: "Naquela casa tem caveira de burro enterrada". Muita gente curiosa à porta de casa, em posição curiosa, ensejava a frase: "Morreu galego aí?" Pessoa atarantada, na rua, sem saber o rumo a tomar, dizia-se "areado". Menino correndo, "chispava". Gente falando só... só podia estar "lé-lé da cuca".

Ditado do final dos anos quarenta: "Morreu buchuda e sem poder cuspir". Em verdade não se dizia buchuda, mas BOCHUDA, COSPIR...

"Não é da cli?" Era, o bonito, pelo menos antigamente.

rases largamente repetidas, com trânsito no quotidiano, pelos anos trinta e quarenta: "Bota sentido aí" – "vigia a porta da rua", assim como utilizadíssimo o ato de merendar.

Por volta das nove da manhã, e, principalmente, pelas três da tarde, todo mundo parecia acercar-se da mesa da sala de jantar, ou da cozinha, para "merendar". De tarde, a coisa sucedia com mais entusiasmo, hábito generalizado por ser o meio da tarde a hora do chamado "pão do chá", que na verdade ia servido com café.

Donas de casa apareciam às janelas, para aguardar o padeiro. Este, de cesta de vime às costas, vinha trazer o esperado pão quentinho (em nosso caso, na Rua do Imperador, produzido pela Padaria Ideal), para solenizar a nossa "hora da merenda".

Não se dizia "vou tomar um suco". A palavra refresco só não rotulava, por exemplo, a famosa "cambica de murici" ou a tradicional "limonada". A primeira das bebidas citadas, adubada com farinha, para engrossar o caldo. No pensamento de muitos "avexava" o fígado.

Tigela, utensílio de ampla utilização. Fazia parte do dicionário dos que exageravam na ali-

mentação. Tigelas funcionavam para o café reforçado (às vezes também mencionados canecos), indispensáveis para servir doce em rodelas (dizia-se "rodelas") de banana, uma tentação! Das tais tigelas vem hora de mencionarmos as de louça comum. As preferidas, de ágata, para o preparo, por exemplo, de coalhada ("bota o miolo de pão dentro!").

Havia por esses idos linguagem de curso anedótico que estacionava nas cozinhas e, de lá saindo, ia parar nas calçadas e alcovas, suprida por curiosos vocábulos que despertavam hilaridade, e desses, em lugar de destaque, a palavra penico. Para os mais moços – espero que estejam me tentando ler sem indiferença – penico era também nomeado de urinol e mais depreciativamente de "capitão" ou "trono". Já contei.

Menino tido por "frouxo" (outra maneira de dizer da época), a evitar possível desafeto, gunhava fulminante e depreciativo julgamento:

- Abriu! Pediu "penico"!

Em verdade "pediam penico" muitas pessoas, notadamente as que em política faziam as pazes com o chefão do partido, ou, por razões de dependência financeira, voltavam a se relacionar com algum

34

compadre, ou amigo, depois de meses ou anos de intriga doméstica.

Penicos higiênicos, para o quarto de enfermos, exigiam tampas.

E o João, que me criou, contava às gargalhadas a anedota de fazendeiro jaguaribano que usava imponente penico de ágata, para fazer coalhada...

uem prosperava a invejar os outros, pelos anos trinta, tinha mesmo "olho comprido". "Maravilha de Palácio", cidadão que "chaleirava" autoridades e os ricos, maneira de referir que vinha de anos atrás.

"Pula, Violeta!", exclamação gaiata a relembrar, passados já tantos anos, a inclinação – bastante censurada pela sociedade conservadora da terra – do comportamento de D. Violeta, esposa do presidente Matos Peixoto, useira e vezeira em promover reuniões dançantes em salão do Palácio do Governo.

Pelos anos quarenta, vindo ao Ceará o Circo Stevenovich (nem sei se se escreve assim), o bando circense tinha divertido palhaço que passeava pelo picadeiro, e de vez em quando, fazendo saltar uma cachorrinha de pano, levava o público a delirar de alegria. Ele ordenava jocosamente: "Pula, Violeta!" E, em ato contínuo, punha-se a dançar.

Criatura, geralmente do sexo feminino, que se encarregava de administrar namoros, a alinhavar afeições entre apaixonados, "trombone", pois lembrava a vara do instrumento, indo e voltando, em movimento de "leva e traz"...

"Doido de correr", ou doido de "andar correndo atrás de bonde...", quem, em sociedade, chamava a atenção pelos disparates praticados. "Espoletada", vinha certamente a ser designativo de pessoa a se afobar fácil, e desse modo a irritar os vizinhos em conversa de calçada...

"Fuzuê", briga, tal qual "rolo", como dito por agora. "Apresentado", e nesse caso "apresentado que só figura do boi", criatura que, a lembrar a representação taurina do desfile do bumba-meuboi, queria aparecer mais que os outros, à frente de tudo, para chamar a atenção. E, nessa circunstância também, considerada "oferecida".

Cidadão já de idade e que logo cedo da tarde ia postar-se em cadeira na calçada da Rua do Imperador — na versão da Rachel, a intuito de dirigir gaiatices às empregadas que saíam com os meninos, a passear —, era classificado de "assanhado". A Rachel arrematava o julgamento desprimoroso: "Esse cabra velho devia ter vergonha... fica ali só pra dizer relaxo".

Pessoa atarantada, à porta das casas, a pretender informações sobre o número da placa da casa do vizinho, com quem queria falar, certamente estava "areado", o que queria dizer perdido.

Hoje não se diz mais areado.

37

Mas há muita gente sem saber para onde vai!

ara começo de conversa, vale mencionar que pelos anos trinta e quarenta, ainda falávamos um "cearense" gostoso, um idioma com sotaque, jeito mesmo, de Interior do Estado, sertão, se melhor quiserem entender.

Antes, por ocasião de outras crônicas que já se vão ficando distantes de agora, referi a nossa identidade sertaneja, puramente ruralista, com ditos a lembrar diferentes sítios do território edificado nas grandes cidades.

Nessas horas, em nosso linguajar doméstico, jamais deixamos de ser vaqueiro ou plantador de roçado; tínhamos nas faces a quentura do fogo alastrado em coivaras, e na epiderme, quando chovia, o "gosto" ameno, suave e penetrante, da água de algum rio ou riacho.

A grosso modo, como se diz, éramos matutos.

E dessa forma gostávamos certamente de pertencer, ainda que a ouvir reparos dos mais "civilizados", gente que, com o passar dos anos afeita ao modo de viver da capital, já havia perdido os

laços (quase escrevi liames) de ligação aos pés de serra ou caatingas desoladas...

Daí vivermos dizendo, em hora de abuso: "Vá campear macaco!", "você que ser muita coisa, mas não passa de um filho das moitas..."; "não se abaixe muito para fulano, que, quem muito se abaixa, o fundo aparece..."

Ainda alcancei a Rachel chamando a meninos de curumins. E vi minha mãe, em sua maneira simples de falar, convidar a comadre amiga, que queria estar ao sol, conversando à porta da casa, dizer: "entra, mulher, tira o cavalo da chuva..."

Só havia a noção de quente ou frio.

Quando se dizia que uma coisa estava gelada – e nesse caso dava de estar o João Pereira a reclamar – era a respeito do café passado, que, caindo na xícara, sabia a paladar exageradamente frio...

"Alma querendo reza" ou "alma penada", de geral pessoa amiudando visitas, quase sempre à minha mãe, repetindo visitas desnecessárias e a acabar naquilo que a Rachel já pensava: "ela queria mesmo era dinheiro emprestado..."

O vento, durante muitos anos na cidade, tinha os sons do sertão. Quando sacudia forte, correndo na rua, despejado sobre os telhados, dizia a empregada: "o vento está gemendo nas telhas..."

Em casa fazia percurso a linguagem com ar de sertão. Para alguém que ia contar uma história,

fazendo-a aparentemente pela metade, a Rachel argumentava: "melhor você espichar mais..." Comia-se pelas "beiradas", assim como a água do mar a bater nas "beiradas" da Ponte Metálica...

Sentar, podia ser "agachar"; "jogar no mato" acabava sendo tudo que, sem serventia, ia parar na lata do lixo...

Se a água do rio subia, invadindo as margens, "estava pelas tampas..." Pelas tampas, "às tampas", tudo que comprometia, exagerando.

a seguir, retorno mais uma vez como gosto, diante do leitor compassivo, para reincidir na rememoração daquilo que entendi por "vocabulário antigo". Antes, licença.

Por favor me deixem explicar. A cada semana sinto mais saudades daqueles dias em que podia perceber (e apreender) a linguagem que, já agora, por esses dias, vai-se distanciando, esfumando-se como lembram os poetas.

A toda certeza falta o antigo e verdadeiro ambiente de conversa, de "falação", aquele estado de espírito que, no passado, estava em família, mesmo porque, pelos dias em que morei na Rua do Imperador, o rádio praticamente andava ausente da maioria das casas. Tempo ainda de vitrola em canto de sala, e assim mesmo de favor, como sucedia na casa do João. Meu pai a tomava de empréstimo a cunhado rico, o A. P. Bezerra.

A conversa (vamos dizer no plural), as "conversas" estavam na cozinha, com a Rachel; na sala de jantar, na calçada, e, – enfim, em todos os instantes domésticos. Que mais se podia fazer: dizer de si, dizer dos outros, deixando passar o tempo, até vir hora de recolher, cada qual seguindo para a rede, ou cama.

E em tudo fluindo o gosto de nós mesmos, de intimidade, de vida em família, a simplicidade, as leves críticas, as pequenas maldades, as cavilações, os pensamentos impressentidos, sonhos, venturas nunca alcançadas (e assim mesmo requeridas todo dia). E para isso, vê-se, havia necessidade de "cearensismo" nosso, linguagem especial para elogiar, acarinhar, refugar, aceitar, fazer e desfazer, causar riso, provocar pasmos, maltratar ou açular o choro.

A tanto todo o percurso de frases, e ditos jocosos que, de repente, tornam à minha lembrança. Ah, como estou bem, vez por outra, falando as coisas de ontem, do meu "ontem"!

Pastorar era "botar sentido".

"Menino, bote sentido aí no fogo, que vou beber água" E a Rachel dava a saidinha, indo mais que ligeira a beber água ao pote, enquanto o panelão de doce, a estremecer, sob pressão, retinia a tampa.

E a sabedoria "Tudo na vida tem seu dia e noite"

– "Quando o diabo não vem, mando o secretário" –

"Quem nasce para dez réis, não chega a tostão..." – "A

conversa ainda não chegou na cozinha" – "Diz isso
não, vira a tua boca pro mar!" – "Acredite nele, não!

Só tem lambança!" – "Um dia a gente emenda pé com

42

merecia mesmo o que o João Pereira costumava comentar: "Fulano chega irrita a gente, uma conversa mole", um "chove não molha", "caqueado sem fim..."

Quem acenava com muitas vantagens, prometendo o que não seria cumprido, logo se inseria no conceito de outra frase bastante comprometedora: Costume dele é contar história "pra boi dormir". Ou no mesmo diapasão: "Melhor ir pentear macaco..."

O ingrato – e toda família não escapa desse tipo – não merecia perdão. Dizia-se desse: "Fez-se tanto por ele, e no fim acabou cuspindo no prato em que comia..."

Minha avó, ícone de sofrimento pelo martírio da asma, entre pitada ou outra do cigarrinho medicinal, gostava de desancar os que não lhe mereciam confiança: "Quando se pensa que fulano está pedindo, está carregando". Carregando, aí, a valer furto...

Nesse tom de julgamento os comentários depreciativos: "Dá com uma mão, tira com a outra" — "Com fulano, primeiro a gente tem de comer uma saca de sal..." — "Sonso! Dá a unhada... e esconde a unha". — "Pior do que carne de tetéu: nem cozinha nem pega sal". — "Desvelado velhaco. Mete a mão no bolso, mas só tira os dedos..." — "Dor de barriga não dá só uma vez..."

45

ertamente, pelos anos

quarenta éramos menos instruídos, mas "sabidos" a toda certeza, debaixo daquele conceito de que conversar era preciso, troca idéias, usar e abusar do "cearensismo", modo de falar e nivelar mais por baixo que por cima.

Não sei me entendem, mas me animo a dizer que os da classe média (e todo mundo estava praticamente nessa faixa) haviam deixado o mesmo "berço", certamente o sertão, ou praia do litoral, ou em outro formato romântico algum pé de serra.

Trazíamos jeito bom, brasileiro, de conviver, de estender a mão, prosear, fazer favor, tudo a culminar com inesperadas gentilezas, qual a de, em viagem de bonde ou ônibus, mandar dizer a amigo pelo cobrador: "cavalheiro, aquele moço ali pagou sua passagem..."

Tudo, vinha de fora, a chegar devagar à cidade. A moda do Rio e São Paulo, só depois de três meses. Frases marotas, de debique, referências anedóticas com sotaque estranho ao nosso, vinham também do sul, e já quando ali saíam de circulação.

Dessa forma: "Será o Valdemar!" – "A vaca vai pro brejo!" – "Baianada" – "Está sassaricando..." – "Pegou o bonde errado" e daí por diante. Mulher, toda vida foi, de muito "hum-hum", de outros "ai-ai", quando alguém a decepcionava. Chegava a implicar com o agradecimento de pedintes, os que a queriam com "muita sorte". "Como? Dizia a resmungar, "se nem pra ele conseguiu coisa melhor, quanto mais pros outros!"

Dela o repertório de provérbios que pontuavam as relações de nossa família, na Rua do Imperador, quando já mais taludo eu alcançava os dez anos de idade. Escuto-a, ainda, despachada, sentenciando: "Estará pensando que babado é bico!?" E em outra hora, a debicar de alguém que a ameaçara enganar: "Comigo não, violão!"

Tinha julgamento a respeito de mulher que não cuidava de sua feminilidade: "Aquela não me engana! Tem cabelo na venta..."

Minha mãe, criatura das que jamais desaparecem, não gostava quando a Rachel, com ar debochado, conceituava parente nosso: "Dona Isabelzinha, a senhora preste atenção: uns têm "it" e outros "caganite..."

Quase brigou com vizinho, sem entender que o homem, a intuitos de fazer graça, a qualificara de "chofer de fogão", pois sabia-a administrando a comida, de nossa casa, com bastante mestria, e a tanto, diferente das outras empregadas.

Gostava de referir: "Quem procura, acha; quem tem, encontra" – Em terra de sapos, de

cócoras com eles" – "Naquela família não tem nem bom nem melhor, tudo farinha do mesmo saco" – "Quem muito quer, tudo perde" – "Não gosto de chorar o leite derramado"; "o que perdi já era, acabou..." – "Para baixo, na descida, todo Santo ajuda".

As vezes a irritar-se com os conselhos de minha mãe, repetia revoltada: "Arre, assim não tem quem agüente! Todo dia a mesma ladainha..." isse-lhes de passada vez, lembrando a Rachel, que a empregada tinha bem marcada a sua descendência (ainda que distante) africana. Mas, não de raro, depois que me vi adulto, cansei de duvidar se o sangue de índio não fosse maior... Pois bem, já agora, por esses dias, a rememorar frases do quotidiano, tão do interesse dela, e em trânsito em linguagem coloquial, a dúvida cresce.

Rachel detestava, a exemplo, ver alguém demorar postado sobre sua sombra. E mais de uma vez chegou a me recomendar de modo veemente: "Não deixe ninguém "pisar" na sombra do teu corpo..."

A tanto, vem a pêlo lembrar frase que gostava de dizer: "Segui (ou caminhei) o tempo todo pisando no rastro dele", para informar, como referimos agora, ter andado "à cola", ou "na cola" de alguém a merecer vigiado de perto.

Ao ver minha mãe armar rede de dormir exageradamente elevada do solo, a empregada costumava incidir na apreciação: "Assim não, dona Isabelzinha, mais parece "espera" de quem vai matar veado no mato..."

Em verdade a arte venatória, a interesse de caçar veado, exigia ao caçador a providência de

passar (amarrar os punhos na rede de espera) nos galhos mais elevados de árvore, circunstância assim prevista a intuito de disfarçar a presença do atirador, e, em conseqüência, facilitar o abate da peça.

Como pelos dias de hoje a televisão nos vai aproximando mais dos centros metropolitanos, a pouco e pouco estamos, infelizmente, esquecendo, como no caso cearense, nossa deliciosa identidade sertaneja.

Em mim essa coisa, que denomino identidade, não se exclui de todo, pois sou obstinado guardador de ditos espirituosos, de frases simples e provérbios com clara influência rural.

Desse modo, a um quer que seja de saudosismo do ecúmeno agrário, acodem-me os julgamentos quais estes: "Esperando de tocaia" – "Comida
de comboieiro" – "Patrão miserável, tira o couro dos
empregados..." – "Fulano é aproveitador, quer tudo na
garapa..." – "Veio falar comigo pisando em ovos..." –
"Cabra atrevido, gostava de se esfregar no sedém
(sedenho) das mulheres" – "Não era boa pessoa, só
cabeceiro, dando cabeçada (enganando)" – "Com ele a
gente tem de ir no acocho (falando sério, com autoridade)" – "Não é flor que se cheire".

92 "Quem conta história de dia, cria rabo..."

adio, diz-se, a significar pessoa irresponsável, criatura sem respeito aos outros. Desse modo, todos nós, ainda por agora compreendemos o insulto. Mas antigamente quando se dava "fulana" por "vadia", estava-se a nomear, a toda certeza, mulher de comportamento censurável, a "enganar" o marido.

Em complemento, se acrescentado "anda na vadiagem", ou "vive no pangaio", ou ainda "virando a perna", esse fraseado acabava correspondendo à idéia pícara com a qual Rachel mimoseava as ditas criaturas fáceis ao adultério": "mulher infeliz, da rede rasgada"...

Nunca entendei o termo "rede rasgada". Rede rasgada, por quê? Fiquei sem resposta durante anos, a imaginar que mulher assim mencionada, decorresse da situação de meter na própria rede outra pessoa, no caso um homem, fazendo-a romper os fundos... por excesso de peso... e pecados....

Mulher com tais demonstrações de incontida e complacente aceitação amorosa, entrava a calhar na designação de "Maria vai com as outras".

Em verdade perseverava, a vigorar por esses dias, o que se pode entender por moral oficiosa. Não sei como explicar, mas um certo consenso de restrições praticamente agendadas na consciência de cada um...

Tempo de se dizer verdades, de se fazer comentários... quase todos com sabor sertanejo. A Rachel comentava: "Foi um arranca-toco a conversa dos dois homens..."

E mais dramática, em alguns momentos, para explicar o desforço de antigos inimigos que se encontravam de repente: "Olhe, foi luta feia, "briga de foice..."

Éramos felizes, por que a nossa cartilha, o nosso catecismo, só tinha palavras e pensamentos do sertão.

Éramos deliciosos "beradeiros", gente que vinha de longe, de algum pé-de-serra, ganhar a vida na capital. A capital, a Fortaleza desses idos, não tinha mais que cento e quarenta mil habitantes...

Em verdade, todo mundo se conhecia uns aos outros. Ninguém podia "pisar fora do caco", como falado por então, pois logo a notícia corria mundo, o pessoal sabendo quem estava enganando a mulher. Aliás, não se dizia "pisar fora do caco".

Por favor, sou meio pudico, mas é isso mesmo que o leitor de ontem está pensando... Vamos, - pode me corrigir, por favor. meu ver, por esses anos, prosperavam por tantas e tantas peculiaridades duas salas de aula em toda casa de família: cozinha e calçada.

Aí, nesses sítios, o metino desses dias aprendia. E como! Na cozinha então, em tempo praticamente sem rádio e de total desconhecimento do que era a televisão, a empregada — no meu caso a Rachel — imperava. Devo a esse formidável personagem o muito que aprendi ao folclore (sem o saber), ao trato das pessoas simples, à engenharia da cozinha na manipulação apetecente de deliciosos pratos.

Muito do que, agora, repasso a meus complacentes leitores, decorreu dessa estrutura sociológica já desaparecida, infelizmente.

Na empregada estavam as frases pitorescas, as palavras que meus pais não repetiam por conveniência ou educação, e numa e noutra das ditas o julgamento preciso do que o menino estava vendo, sendo parte, ou em total ignorância.

A me querer distante dela, a Rachel comandava: "Avia daí, menino! Sai!" Ou então, animada pela influência de seus ancestrais, exprimia-se deste modo: "Deixa de me olhar (no sentido de vigiar, pastorar) com teu olho de cabra morta!" O olho podia ser igualmente "pidão".

Quando a empregada me via andando pela casa, bem abastecida a gula – tantos os docinhos devorados às escondidas da Isabel –, me enquadrava na classificação de "banzeiro". "Tu comeu tanto que "stá andando banzeiro..."

Para constrangimento de minha mãe, que se mostrava mais ofendida que eu, a Rachel descobriu que eu fazia, a caminhar, um quer que fosse diferente dos outros meninos, parecendo arrastar a passada: "Te ajeita! Tu já "stá" andando outra vez "tirando o pé!..."

E a me ver suando, depois de correr após sair de alguma travessura, infalível em sua gramática e semântica do quotidiano, a mulher atacava: "Que é isso? Deu na fraqueza?"

Vem o caso, que também conto, do jeito que tinha, todo especial, mundo de delicadeza, em certas observações sobre meus sofrimentos. Se sucedia cair-me a cicatrização do arranhão do pé, interrompendo o processo de cura, ela acudia de pronto, a perguntar: "... 'stá' duluridinho?"

Compadecida de vizinho que, pelos oitenta anos, não mais conseguia compabitilizar pensamento e ação, a empregada sentenciava: "Tão, coitadinho... Ficou 'esquecido'"...

m mais de uma oportunidade tenho lembrado frase do marechal Tito, que vi em instigante livro de memórias. Ali, a relembrar os bons pratos preparados pela genitora, na infância, mencionou os saborosos ou gostosíssimos pães que a ilustre madre levava ao forno: "Eram do tamanho de uma granada de mão..."

Com esse resgate, quero testemunhar que nós, em nossas profissões, ou muitas vezes, diante das coisas que nos cercam, fazemos comparações que marcaram ou ainda marcam a nossa vida. Nesse caso, o bonde. Em solenidade na Universidade Gama Filho, amigo e diretor daquela instituição, José Liberato, a propósito de algo que lhe chamara a atenção, referiu o fato, dimensionando-o "do tamanho do bonde!"

Adora frases assim, e que nele, homem do nosso tempo e muito mais moço que eu – e muito mesmo – é circunstância a demonstrar a perseverar o modo de dizer dos anos quarenta.

Por esses ditos anos, em Fortaleza, e até muito por diante, qualquer um de nós não se admiraria com esse tipo de frase, pois todos, sem exceção – como os tempos são diferentes agora! – pareciam, e na verdade eram, partilhantes da mesma linguagem.

Tempos, aqueles, em que se dizia: "botou lascando meio mundo", "do tamanho do mundo", "ia com todo o fogo (a imitar locomotiva de caldeira a lenha)", "ligeiro, chega cantava pneu...", "solto na buraqueira", "com a corda toda".

E ciente vem hora de referir, ao dizer essas frases, ciente de que me repito, mas o faço sabendo que esse tipo de falar não se dispersa de mim, criatura comum, que carrega apreciável estocagem de palavras antigas em seu vocabulário quotidiano.

Afinal, os dos anos quarenta e cinqüenta estávamos todos na mesma reelaboração de palavras, usando e abusando de vocabulário que na minha impressão, fazia parte de nossas vidas. Era como se nos fizesse crer: "Vocês vão falar dessa forma a vida inteira".

Mas isso, infelizmente não ocorreu. Caímos na armadilha dos meios de comunicação, do progresso tecnológico, e, hoje, nem para reclamar encontramos outra pessoa com quem dialogar.

Estamos sucumbidos na engrenagem da formalidade técnica, "ligue 2, para reclamar", "3 para saber seu débito", "4, para pedir a conta", ligue, ligue... E do outro lado a voz impessoal, desumana, metálica, certamente extraterrestre...

Fico a imaginar a Rachel, hoje, obrigada a reclamar de números que se fingem criaturas, e na verdade nada mais são... que sons. Espúrios!

erro meus olhos quando quero me transportar para a atmosfera da vida familiar, em nossa casa, aos anos trinta e quarenta, os muitos dias já idos da Rua do Imperador.

E posso jurar que no capítulo de resgatar palavras ao vocabulário em trânsito, por aqueles instantes, imagino ouvir a Isabel Eduardo Campos comentando: "Fulano não é muito católico, não", algo que para a Rachel, mais destemperada, vinha a significar: "cabra muito herege!".

Assim, em minhas voluptuosas recordações, vejome vez por outra a viajar para aqueles sítios, hoje tão descaracterizados, e carentes de humanidade.

E vem a pêlo lembrar outros vocábulos e sentenças desse dicionário afetivo de respeitável ancianidade.

Coisa qualquer frouxa era "foló". Para a empregada o termo certo, preferido: "afolozado". Em verdade o adjetivo é folote, pelo menos assim o leitor pode ver no "Aurélio", que o menciona a explicar por frouxo, lasso etc., etc.



Em linguagem doméstica, dessa época, não faltava o vocábulo beira ou beirada. Frases assim exaustivamente utilizadas: "encher até a 'beirada" do prato,

ou noutra circunstância, "à beira do fogao", "andar na "beirada da calçada"... Até se dizia: "Fulano, vai comendo aí pelas beiradas..." Ou em vaticínio cruel: "O meu vizinho está na beira da cova..."

Os que sem cerimônia se serviam, a exemplo, de gulodice guardada por outra pessoa, não participando da elaboração, caso fosse refeição ou até bebida, logo estava identificado de maneira muito irreverente com o comentário: "Fulano só come (ou bebe) de "atolagem!"

Botar sentido, vigiar, era "pastorar". A Rachel gostava muito de me usar para pequenos favores domésticos, desses o de vigiar alguém na rua: "menino, pastora aí o verdureiro..."

Da cozinha da empregada (era mesmo dela e não da Isabel), duas palavras sempre repetidas: "Menino, que é que tu faz aí me "acerando"? Ou: "Sai de perto do fogo que a "bafagem" não faz bem, não..."

No primeiro exemplo, "acerar" de aceirar, cercar, proteger a área próxima do fogo de roçado. No outro, em sentido de calor, mormaço. que é a palavra? Creio estar a indagação em uma das crônicas do mestre Eça. Se não ocorrer assim, vale pouco lembrar para o desdobramento de meu raciocínio, mas vou adotá-la, ligada a outras, motor indispensável à formação da frase. Frases, que, a meu interesse, tomo-as transformadas em provérbios, em maneiras de dizer, bastante presentes em minha vida, durante anos e anos, principalmente em meu vocabulário doméstico, que devo situar nos anos trinta e quarenta.

Quem era fácil em dizê-la, ia de pronto classificado como "pessoa boa de prosa". Comum ouvir alguém mencionar: "venha dar um dedo de prosa".

Minha mãe de criação costumava referir a"vintém de prosa", o que valia, a toda certeza, por "conversa fiada" a transcorrer sem pressa.

Vivíamos dias cercados de provérbios. Nada acontecia em nossa geografia humana desacompanhado de uma ou mais sentenças, ora com sentido erudito, ora em diapasão puramente familiar. Tudo em decorrência de educação isenta das influências dos meios de comunicação (que só de modo tímido davam de surgir), tudo, convém repetir, balizado por padrões de reminiscências folclóricas, e por outros tantos de respeito sertanejo, algo que também acabava indo passar pelo respeito das sacristias, convivência de confrarias, bancos de igrejas e escolas.

Desses idos as referências, qual esta "é ver um pinto calçudo", a designar a quem, canhestro, indumentava-se mal. E na proximidade dessa idéia, a frase depreciativa do mal arrumado: "o defunto era maior".

Dessa época as alusões à "rabos de saia", a assentar como luva em criaturas que gostavam de estar ao pé de mulheres; e mais esta a designar a quem não saía de perto dos padres: "rato de igreja".

Injuriavam-se os que comungavam em exagero, chamando-os de "papa hóstias".

Tudo pronunciado de modo simples, palavras e frases que se parturiam de modo informal no decorrer da conversa. Críticas irreverentes, julgamentos perversos, análises até pícaras a respeito de criaturas que se não davam a respeito.

"Empalemado", quem? O sujeito pálido. "Cara de mamão macho", podia dizer-se de indivíduo a apresentar as feições compridas; e em outra classe de julgamento, "fioteiro" ou "metido a fiotices", o indivíduo pedante – e, nesse caso, como dizia minha mãe – "cheio de erres e esses..."

A pessoa podia ser "podre de rico"; "unha de fome", em sendo avarento, miserável. A respeito desse tipo a Rachel, implacável, sentenciava: "Não vale o que a gata enterra".

omos, a geração dos anos trinta e quarenta, provinciana gente cercada de palavras inspiradas no relacionamento quotidiano, pois as pessoas, felizes criaturas, graças a Deus, dispunham de bastante tempo para dialogar.

Pressa? Nem pensar nisso. Tudo a correr muito a vagar que, totalmente desconhecido o conceito de grande velocidade. Quando se dizia que alguém "ia indo a mais de mil", a frase não traduzia velocidade maior que a já consagrada pela carreira "desembestada" do bonde da Light ou do trem da RVC.

As palavras nem sempre significavam o que as pessoas queriam dizer. E importava? Importante, falar... Daí todo mundo estar sempre conversando, e nesse todo mundo as donas de casa, as empregadas, os meninos e até os que passavam na rua em inesperadas atividades mercantis.

Um adjetivo, exatamente "quieto", adequava-se a tudo. Se alguma mãe via o filho estacionar pelos can-

tos, pensava logo em doença insidiosa e, apressada, desejava saber: "Anda, criatura, diz logo o que está sentindo... Você está tão quieto?"

Comum ouvir-se outra mãe estranhar, diante do filho em igual situação de alheamento: "Menino quieto desse jeito, com certeza fez alguma estripulia... Anda, confessa a malinação!"

Quieto queria também significar sonso, como quieto nomeava o exemplar marido, o cavalheiro virtuoso que preferia ficar em casa depois do jantar, ao pé da mulher, a ir prosear com os amigos em roda na calçada. Quieto, por extensão, todo menino bem comportado, de não ficar correndo, na sala, em hora de visita importante. Quieto, também, o conformado cidadão, já esmorecido pelos anos, assíduo freguês da espreguiçadeira de pano, de listras azuis...

Igualmente quieta a moça "pouco assanhada", como se diz por hoje, visivelmente desinteressada por namorado.

E bulir? Tem o leitor, agora, um verbo que se pronunciava trocando o <u>u</u> pelo <u>o</u>. Desse modo, a soar b<u>o</u>lir e b<u>u</u>lir. A empregada explicitando recomendações da dona de casa, estava sempre a cobrar aos meninos: "Não é pra b<u>o</u>lir aí, não..."



De tanto ouvir dizer o "b<u>o</u>lir", ainda hoje me surpreendo querendo, às vezes, como verdadeira grafia do verbo. Mas b<u>u</u>lir perseverava bastante ativo na linguagem das cozinhas: "não bole nisso", "não bole nessa coisa, não!..."

Mas grave, muito grave mesmo quando utilizado para conceituar a triste perda de honra de alguma moça conhecida: "Coitadinha, boliram nela...".

Mexer, outro verbo de garantido percurso pelos anos trinta e quarenta. Principalmente para definir gestos de bebê. "Já está espertinho, mexendo o pé...". Para avaliar melhora no estado de saúde de doente desenganado: "Morre agora não, ainda se mexe...".

izer para mostrar-se, a se exibir, explicitava-se na importância de alguém a "falar de cima dos tamancos", frase de bastante autoridade quando pronunciada de modo estabanado pela Rachel, e mais ainda quando sublinhada: "Não sou de levar desaforo pra casa!".

Mais vezos possuía a empregada pelos anos quarenta, que para tudo tinha pronta definição abeberada à sabedoria popular, inteligência própria para o diálogo, do cotidiano, que perseverava por aqueles idos, e o que dava de acontecer, amiúde, em ocasião de discussões mais acaloradas, a interesse dela, e nesse caso, a proclamar-se vitoriosa: "comigo é um quente e dois fervendo".

Mas nada mesmo para identificar tão curiosa criatura como frase proferida tantas, e tantas vezes, sempre cheia de tempero e cozinha, a dar curso à sua contrariedade: "Chega! Hoje eu estou nos meus azeites!"

Estava mesmo, pois se transformava em frustrada e detestável pessoa, abusada, irascível.

Tiro a sociedade (vamos convencionar, a família, desse tempo), por minha casa, onde não faltava a presença de servidoras domésticas (lavadeiras, engomadeiras) e de biscateiros de confiança, incluídos nessa categoria os meninos de recado.

Tempos bons para as donas de casa, os já mencionados, quando abundava a mão-de-obra doméstica. O sertão — e espero possa agora referir melhor, o interior — mandava à intimidade dos lares em Fortaleza, quer das serras próximas, quer das praias, longe, ou de sítios mais distantes, de exemplo do Cariri, espertas empregadas, mulheres bisonhas, rudes a toda certeza, mas dispostas ao trabalho e a obedecer a patrões...

Vinham as tais, carregadas de vasto vocabulário rural, e ágeis também ao exercício de usos e costumes, algo que só com o passar dos anos, pelo início da década de sessenta, acabaria sofrendo mutações substanciais, quando esse contingente de trabalho doméstico, meio sertão meio cidade, acabaria deparando a força modificadora da modernidade da Fortaleza mais adulta.

A pouco e pouco íamos todos, elas e nós, perdendo o resignado ar provinciano.

Mas nem por isso deixando de ouvir frases como as que resgato agora: "quando o diabo não vem, manda o secretário", "quanto mais rezo, mais assombração aparece", "quando penso que estou sentado, estou é trepado..." etc., etc.



itos espirituosos, gracejos, em verdade aquilo a que todos se costumavam a chamar de "ditados em moda", tomavam conta da cidade.

Não de raro importados do Rio de Janeiro, como "Será o Benedito?" ou "é o Valdemar!", gracejos que se iam juntar, por exemplo, aos ditos espirituosos usados por mocinhas e rapazes: "ai, da Base", "olha aqui você de boina azul...", "da pontinha", "da cli!..."

Por esses dias, quando alguém parecia desnorteado na rua, dizia-se: "Fulano está areado". Durante algum tempo eu tentei encontrar a palavra escrita com um i no lugar do e, e achava que o adjetivo nada mais era que invenção da Rachel.

Os tempos passando, passam. E com aqueles as frases, os tais ditados de ocasião.

No percurso desse resgate do vocabulário antigo, às vezes interrompo o raciocínio, a imaginar que já não são muitos os que seguem, capazes de lembrar palavras como areado, tumbança, grude, no sentido de briga no meio da rua, em que se envolviam várias pessoas, em geral gente desocupada, e mais conceitos de localização, como a exemplo, de residências, quando conforme ficassem contra ou a favor do sol da tarde, referidas do "lado do sol", ou do "lado da sombra".

Menino correndo na rua, quase sempre estava dando "chispada", ou "sispada".

"Dor de veado", a dor esplênica, de que se queixavam os meninos após apostar corrida. "Manja", jogo com bola de meia, praticado na calçada da casa.

"Olho comprido" sinônimo de invejoso. "Dona Mariquinha", mulher afeita a falar da vida dos outros, principalmente dos vizinhos. Se duas criaturas se reuniam para conversar baixo, ficavam tidas por "Dona Mariquinha e Dona Maricota"...

E mais conto: já existia também a situação de mulher importunada por gajo, como dizem os portugueses, o que valia por assédio sexual. Claro, não se falava ainda em assédio. De comum, pelos anos trinta e quarenta, em tais circunstâncias, o atrevimento acabar sob a qualificação da Rachel:

"Atrás de" fulana queria significar a intenção marota (e ousada) de homem tentar conquistar mulher.

Comentário não muito difícil nas reclamações do quotidiano: "Aquele safado não sai do meu pé", é "atrás de mim" o tempo todo".

ada época tem maneira própria de viver. E sem que as pessoas pressintam, de repente costumes ou simples hábitos vão sumindo. Somem e chega momento em que os mais antigos, e é meu caso, já não escutam frases de percurso certo, antigamente, no quotidiano da sociedade.

Quem, por hoje, imagino, aguarda o padeiro, para servir-se do pão, do chamado pão do chá? Em verdade tomavam todos café, o chá detestado. Mas prevalecia o vezo de ter pão quente à mesa. Hora da merenda das donas de casa, adultos. Os meninos "enganavam a boca", "forravam a barriga", mais cedo.

No falar de ontem, muito de bom tom o elogio às doces "laranjas" de Russas. E havia gulodice mais apetecida que a banana-seca de Pacatuba, as tais geminadas em pacotinhos de folha de bananeira, e ao final tudo agasalhado, melhor dizer arrumado, em tradicional embalagem azul, encompridada, a chamar a atenção, a açular a gula?

Em cozinha nenhuma faltaria banha de porco, e essa certamente vendida em latões: "Banha São Rafael". Colesterol? Todos o ignoravam, pois bolos iam ao forno manufaturados com gordura de coco. Pão-de-ló pegava mais de 18 ovos! Se alguma comida fazia mal, ameaçando o equilíbrio (ou controle) do trato intestinal (que só anda bem destemperado) não faltavam frases a respeito, a nomear o vexame das criaturas. "Fulano está com a "fininha" – "sicrano passou o dia na casinha" (sinônimo de latrina) – deu nele a "ligeira"...

Mulher não escapava da irreverência do povo. Se conhecida pelos namoricos, logo a chamavam de "rede de arrasto". Exageradamente adereçada, metida em vestidos para chamar a atenção, tinham-na por "mulher assanhada" ou "espevitada".

Se gostava de chamar a atenção, entrava na conta de "apresentada". Diziase de maneira espirituosa: "Apresentada que só a figura do boi" (alusão à armação taurina que abre a marcha do bumba-meu-boi). Recordei noutra crônica.

Ah, vem hora de referir a cheiro... Por aqueles idos de trinta e quarenta, minhas tias me abraçavam dizendo: "Vem cá, meu lindo, me dá um cheiro!"

Cheiro parecia algo assim como afeto, um suave calor de corpo amigo, próximo.

74

Outros tipos de cheiros existiam. A Rachel falava de um dos tais: "Vê aí, menino, que cheiro é esse que estou sentindo..." Podia ser o "ardido" do estrume das plantas, o almíscar de algum prato dormido, algo assim.

Tantos os cheiros! Um mundo de odores! Até de roupa guardada em fundo de baú...

velendo Aquilino Ribeiro deparo, em descritivo da arquitetura de Viseu, a palavra relambório, circunstância que de logo me fez lembrado da Rachel.

Vejo a empregada, pelos idos de trinta, diante de mim, questionando minhas explicações de menino indeciso no que contava:

"Avia com isso!" – trovejava – "Deixa pra lá o relambório!"

Pois bem, o dito era claro, queria o menino desapeado das evasivas em que se metia, algo diferente, por exemplo, do que vou encontrar também no "Aurélio', onde o vocábulo quer significar fato desinteressante, sem graça...

A seu turno, por exemplo, o que hoje é convencionado por "alongamento", por aqueles anos não passava de "espreguiçamento"...

Não me custa dizer que nesses passados todo mundo falava em espreguiçar, ou espreguiçamento, a referir a quem saindo do quarto de dormir abria os braços, a se movimentar com indisfarçável enfado, para assumir os encargos do dia...

Tempos bons esses de linguagem, como estamos vendo, ao alcance de todos. Gente que apreciava dizer: "Aquela mulher é fraca das pernas...", o que, em sentido pejorativo, como á contei, significava infiel ao marido. O mesmo que "mulher caridosa".

Fraco, vocábulo para nomear o grau de dimensionamento de negócios. Por isso relatava-se: "O comércio está fraco" ou "fraco o movimento". E até o tuberculoso "tinha peito fraco"...

A esses dias não se sabia o que era copo de "vitamina", só se falava em garapa. Refresco, invenção posterior. Garapa tinha de ser de cana, e até tomava-se a dita de um dia para o outro. Nesse caso, "garapa doida".

Mas quem tinha filho sabia que susto em menino "passava"; ficava superado a criança tomando açúcar com água, o que não deixava de ser um outro tipo de garapa.

Havia pedantes, que não querendo beber algo muito gelado, sugerida lhes servissem a bebida "frapê".

Tempo de comparações espirituosas, que a acabaram esquecidas. Moça "boca de biquara", a de exibir lábios pintados. "Cara de bolacha fogosa", criatura de cara larga, arredondada. "Pé de

valsa", designação a calhar para dançarino indócil. "Espelho sem luz", apreciação irreverente dirigida a pessoas de cor. "Pé de anjo", pé grande, comprido.

"Chofer de cozinha", cozinheira.

vão de raro ouvir pelos anos trinta e quarenta, ditado com sabor ancestral, a significar estado de pobreza da pessoa: "Fulano ficou com a mão na frente e outra no fecho".

Mas valia mesmo, a frase tradicional tantas vezes ouvida na Rua do Imperador: "Sicrano veio do sertão puxando a cachorrinha".

"Arrumar", por esses dias, verbo de largo trânsito, alcançava vários significados. "Arrumar emprego", no sentido de procurar ocupação. "Arrumado na vida", para referir pessoa de cabedal ou bom emprego. Também podia explicar a posição de alguém muito cioso da maneira de se vestir.

E ruma? Tudo: monte de frutas, principalmente de se poder ver pelos mercados. Ruma, a repelente quantidade de cocô (igualmente bozeira) deparada a pé de muro... "Ruma de gente", multidão.

O vocabulário da culinária, por exemplo, ns festas juninas, tinha de começar obrigatoriamente pelo "pote de aluá", certamente, utensílio de imediata serventia nas casas de quase toda a cidade.

O pote, por então, personagem de histórias e muitas vezes lembrado à guiza de apelido.

Figurava em nossa casa, na Rua do Imperador, em cima de robusto tripé de madeira, estando de modo permanente a boca tampada, além de nessa estar exibido, atado, pano branco destinado a servir de filtro a coar os ciscos que podiam vir na água de beber, adquirida à porta. Ah, a água tão pura, azul, só podia ser do Zuca Acioli... ou da Pirocaia...

Digo tudo? Não. Preciso mencionar: o líquido obtinha-se pela torneirinha aplicada a um palmo do chão, no avantajado depósito de cerâmica.

Segue outra palavrinha daqueles idos: "resguardo".

Jamais deixei de ouvi-la.

Dos anos trinta e quarenta, como conto, toda mulher casada, depois de dar à luz, precisava ficar no quarto – de "resguardo" – por estirados quinze dias. E hajam visitas, canjas, superstições.

Prescrevia-se resguardo em hora até de estar alguém com, ou de corpo febril, purgado em casa... O enfermo mantinha-se em quarentena, isolado no dormitório, de porta fechada... Quem era doido de "quebrar o resguardo?"

"Comigo não, violão". (E não era também assim que se dizia àquele tempo?).

ontei antes, em crônica depois aproveitada em livro de quase memória, que o diabo era personagem insistentemente reclamado por meninos e adultos, antigamente.

Nem sei como explicar como em nosso lar de fundamentos católicos o Satanás não sofresse maior repulsa.

Comum o ato de se mandar alguém "pro inferno", ou de outro jeito, mais desabusado, "o diabo te carregue!", além do apelo sistemático, de trânsito cotidiano, quando menino ou adulto dava topada, batia a cabeça em algum móvel, ou escorregava ou mesmo ia ao chão, de modo inesperado.

Diabo! Dez ou mais vezes assim mencionado. E nesse caso, a não deixar de causar espécie, nem as meninotas excluíam-se do vezo, ainda que nessas horas as mães (via isso na casa de minhas tias) estivessem amiúde rebatendo como energia: "Diz isso, não, menina, que fica feio mocinha chamar o cão..."

Outro vocábulo de largo percurso entre os de pouca idade, gente que passando de oito para dez anos, era — desculpem-me os leitores — "merda!". A palavra, aliás palavrão — assim dimensionado sob as regras morais da época — não

faltava nas rodas de meninos, às calçadas. Mas em casa, diferente do "diabo", era vocábulo nojento, e valia de início a admoestação calorosa:

"Bate na boca" Isso é porcaria!"

E se o menino insistisse, podia contar com o castigo, a reprimenda, com a empregada — a Rachel — a jurar o tempo todo: "Repete, pra ver se não conto a teu pai... Nem vá pensar que vou enredar de ti à dona Isabelzinha..."

A Isabel, como se diz por hoje, nesse tocante não era de nada. Talvez se houvesse até com a intenção de me castigar, aprumada por inteira sobre os chinelos sem salto, e embrulhada no tradicional quimono enfeitado de passarinhos.

Ah, mas só vontade, mero impulso inicial!... Todo o prometido assomo de punição e severidade ia-se atenuando, perdendo pressão, abaixando, abaixando mais... e nada.

Por isso a Rachel sabia que o pai de criação, o João, bastava me olhar e ver com os olhos dele, arregalados, claramente punitivos.

E os gestos? O de "dar bananas", mais usual, exercitados por todos, menos por mulheres. Meu pai, notadamente em certas histórias que acaba de contar, fazia-o sempre, o que dava graça especial à narrativa.

Os meninos, como eu, não perdiam oportunidade para exibir-se com essa expressão de repúdio e desagrado que, só muito depois, talvez sob influência de leituras, aprendi o significado obsceno.

## Mais grave, o cotoco.

Levei tempo em disciplinar a arrumação dos dedos da mão direita, dobrando o segundo e o quarto, para que o do meio ficasse bem estendido, acanalhado, pícaro...

A representação gráfica de órgãos sexuais (de homem e mulher) não faltavam a esses dias, grafitados nos muros, sob o olhar nem sempre indiferente dos que se queriam pudicos.

Mas o arsenal de gestos indecentes, enorme. Que vontade tenho de descrevê-los aqui, agora. Mas onde a coragem? Vejo, enfim, que sou mesmo do tempo antigo e não do grupo dos que se exibem hoje, na televisão, indiferentes a quem se educou respeitando a si mesmo e aos outros.

uas maneiras de dizer, para informar ou disfarçar, ouvi no percurso de toda a minha infância, principalmente a dos passados em Pacatuba: "no canto" e "atrás da porta".

Canto, sem a menor dúvida, referencial de localização mais apropriável no diálogo familiar. Não sei por qual razão havia a predileção pelos cantos da sala e até modo de arrumar as cadeiras da sala de visita, dispondo algumas peças, como mencionado, "de canto".

Em canto figurava sempre um aparador, daqueles bem encompridados e encimados geralmente por terrível jarro de alumínio, arranjo de decoração que perseguiu a minha repulsa até quando fui morar, com meus pais, na Rua Rui Barbosa, em Fortaleza.

Meu pai tinha maneira muito dele de sentenciar: "Não sou homem de conversa de canto de cerca", o que queria significar, não tolerar o chamasse para falar em voz baixa, retirado da presença de outras pessoas...

Mas, pior, um menino perceber a real informação contida com perversidade na frase debicadora, em caso de a mãe apresentar-se grávida: "Ei, e não é que você vai ficar no canto?" "Estar pelos cantos" identificava, sob outro sentido, criança amedrontada depois de quebrar jarro de estimação, recolher-se afastada dos adultos, e dessa forma em canto de sala, atrás do famoso sofá... "de canto"...

"Viver pelos cantos", a toda certeza a maneira de explicar situação de pessoa nervosa, casmurra, inclinada a isolar-se dentro de casa, abstraído da convivência doméstica.

A outra frase, vem hora de contar, tinha maior abrangência. Tudo numa casa parecia mesmo estar detrás da porta, a começar de peças íntimas da mãe do menino, o califon de exemplo.

Atrás da porta, e havia de ser a de alcovas, podiam ser encontradas escritas em papeluchos as orações contra tempestades ou o salmo 90.

E pendente de prego, não de raro, o escapulário...

Em outra situação, o que ia acontecer na sala de jantar, à porta de acesso para a cozinha, e aí também ao canto, escondidas as vassouras para atividade de emergência.

Na casa, ainda sucedia de, em dia de chuva – quando não se podia sair à rua ou ir parar no quintal – o menino teimava em brincar de esconde-esconde.

Melhor esconderijo não havia que o vão protegido pelas portas dos quartos, encostadas.

Esse tipo de divertimento não corria bem aceito pelos adultos, notórios implicantes, que reclamavam principalmente vendo preferida, para o jogo, exatamente as portas mais aproveitadas pelas mulheres para pendurar sungas e combinações.

A Rachel falava abusada: "Tomara que deixe de chover, para a gente se livrar dessa brincadeira besta..."

Ninguém ligava. Nem a chuva parava.

2º Parte
— mais coisas
não menos longevas

### A Sé, a Mãe e o Menino

ejo-me em companhia de minha mãe. Estamos em meados dos anos trinta, quando senhoras não devem ir à rua, desacompanhadas. O menino que estava em mim – e persevera até hoje – sentia-se feliz, a essa hora, a ver-se tal qual um adulto, fiel guardião da Isabel Eduardo, a cumprir a obrigação de sair de casa, aos sábados, para a aguardada reunião das Mães Cristãs.

Nós dois, dama e menino, caminhávamos pelo passeio, no caso a Rua Castro e Silva. E, sem mais demora – pois morávamos na Rua do Imperador – estávamos desaguando no amplo espaço, sítio tomado pela Catedral, vetusta edificação, já então maltratada pelo tempo, mas a prosperar como a principal Casa do Senhor, a Sé.

Antes, o ritual cumprido pela minha mãe, o de ir ajoelhar-se ao pé do Cruzeiro, atitude de evidente reverência, compartilhada pelo menino, que a imitava, a repousar os joelhinhos ao chão, o que o fazendo, valha-me dizer por agora, sentia nojo da abundância de pingos de velas, chorados, sobre o piso encardido, as velas ardendo ali, a qual-

quer hora da noite ou do dia, indiferentes ao sopro do vento.

Outro ritual, em seqüência: nossa entrada fazia-se pela porta da direita, àquele instante (dez da manhã), pois a do centro, soleníssima e principal da nave, permanecia cerrada.

Antes de nos tornarmos inquilinos da aura religiosa, do conforto espiritual que navegava no bojo silencioso da catedral, eu previa. Antes mesmo de adentrar o corpo principal do templo, a Isabel acudir-se-ia de pequena pedra de mármore, bacia de mármore presa à parede, onde pescava uns sumidos resquícios de água benta.

"Em nome do Padre e do Filho, e do Espírito Santo...", murmurava a Isabel Eduardo, presumível senha para que eu, também repetindo-lhe a oração, fôssemos por Deus acolhidos.

Passeávamos, vagarosos, em direção ao altar-mor, suntuoso mas empenumbrado a esse momento. E mais adiante, já indo ao fundo, tomávamos à esquerda. Ali, adiante, nesse lugar, demorava a sala – seria a sacristia? – onde outras senhoras aguardavam.

Minha mãe então me dizia: "Seja bonzinho. Vá, sente no banco... Não demora muito".

E demorava, e como! A medida do tempo, em igreja, decorre lento. A acontecer, sem música, sem vozes, vida ensonada... Passados tantos anos, tento em vão recordar a majestade da Catedral, aquele monumento de igreja, apreciado medrosamente pelo menino, que sem saber perdia a oportunidade de avaliar-lhe a altura do forro, a largura das colunas, a cor, o brilho dos ladrilhos, ou a feição resignada das imagens, de principal a do Senhor Morto, a mesma que dali, de altar à esquerda, partia para a mais aguardada das procissões, espetáculo que trazia, ao passeio, a multidão ávida por desfile religioso, não raro, por esses dias, a marcar as emoções da urbe de mais de 130 mil viventes.

Tempo em que o Seminário, abençoada fábrica de compenetrados jovens padres, como que saídos de estampa da Idade Média, e arrumados inocentemente em roquetes brancos e exemplarmente alinhados em duas compridas filas, movimentavam-se com vaidade e competência.

Ainda hoje acode-me aos ouvidos o ruído da matraca. Tomam-me ao nariz os muito bons cheiros das nuvens de incenso, libertadas de fascinante turíbulo prateado, a fumegar energicamente tangido não pela mão do seminarista vestido de vermelho, mas do próprio menino, que eu era, a ver-me assim figurado...

Foi-se a construção centenária, sob a ação rude e atrevida de picaretas, pás e marretas.

Não tão de repente, mas acabou em escombros. Em pó.

Como nós outros, a Catedral era também criatura; tornou ao chão, que terra era, e virou pó.

# Louvação com Muito Amor

ortaleza, — teus passados são meus também; e do jovem lusitano Martins Soares Moreno; ou do impertinente e valoroso Matias Beck, flamengo de ambição e mando, que logo mandou erguer ao sopé do Marajatiba, para não te perder, o Forte Schoonemburch.

Há mil memórias nos que te viram um dia, como o inglês Henri Koster, que passou pelas tuas quatro ruas (ou eram cinco?), e estando aqui, no dia do aniversário da Rainha de Portugal, a tropa do forte, cento e quarenta homens, sob o esplendor do dia, desfilou com garbo.

Cristãos já éramos todos a esse tempo; os índios das aldeias próximas, a gente que governava e a que aqui vivia, — mais de mil almas.

E a ver que por isso, quando o brigue "Airosa" trouxe, do outro lado do mar, a notícia da retomada do Porto, "a vila encheu-se de vistosas luminárias de velas de cera branca de candeeiros alimentados a azeite..."

Famosos os jantares na casa do Governador, as festas religiosas, os atos soleníssimos, e depois

desses a alegria desenlaçada ao estrugir dos fogos, tiros ou disparos de ronqueiras.

Antônio José da Silva Paulet deu-te novo aspecto.

A mão de Inácio Sampaio ajudou-o a erigir novo forte, a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Como testemunho do feito, fez-se a placa, a mensagem aos pósteros: "As naus escarneciam de mim quando eu era um mote informe; agora, que sou uma grande Fortaleza, de longe tomam-se. Aqui, reinando D. João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas e os dispêndios me fazem forte pelas armas".

Em princípios do século passado, dez mil gentes o teu povo todo. Ricos, uns poucos, — e nobres, uns tantos. A gente grada "veste rudaque", casaca de abas curtas, completada pelo robissão de lila. Pobres, os de mais lembrança informam, "vestiam-se de chita (chamada àquele tempo de xila), fazendinha a baixo preço".

Para esse viver o boticário Antônio Rodrigues Ferreira fez-se artífice aos moldes de Paulet. E, por longos dezoito anos, a muito pensar e mais trabalhar, deu-te as normas de crescer, de viver, que te fizeram muito bela.



Seguiu-se-lhe o entusiasmo o irrequieto Herbester: também por anos a fio, dia e noite, trabalhou sobre a prancheta. Na mente o empenho de corrigir vielas, desobstruir ruas, implantar passeios. Três plantas obrou e pode dizer-se que tudo e o mais, em teu crescimento, se geraram delas.

E veio a gente simples, já menos lusa mas tão expedita como aquela, a construir-te a Tesouraria da Fazenda, a Assembléia Legislativa, a Estação Central, a Câmara Municipal, a Santa Casa, a Cadeia Pública...

Diz o poeta que índias bronzeadas se banhavam no Pajeú, e nas tuas ruas há a "bravura cavalheiresca de Tristão Gonçalves", e lembra o Passeio Público pintado com o sangue de Mororó, Carapinima e Inácio Bolão.

Ah, teu Passeio Público!, jardim onde entre vergéis nasceram amores, quando tuas filhas vistosas, ainda que tímidas, iam ali passear, tomando ao peito a forte brisa do mar imenso.

E quando não estavam ali, as tuas damas requestadas por certo andavam a declamar pelos salões, ao som de algum piano, ante a nostalgia de cavalheiros embevecidos.

Fandangos! Reisados! Pastoris...

Retretas também havia nas praças embandeiradas, e o gemer de violões nas noites lua, onde os astronautas do tempo, os fantasmas, espareciam...

E os teus bailes? E as tuas noites do Grêmio Talienese, os teus dramas... dramas da vida e do palco? Ah, Fortaleza de muitos donos, de Raimundo Girão, Gustavo Barroso, Carlos Studart Filho, de Abelardo Montenegro, Valdery Uchôa, João Brígido e Paulino Nogueira, e recontada com carinho da saudade, e com a seriedade da informação precisa.

Fortaleza de escritores e poetas, de militares enérgicos e comerciantes diligentes e muito ricos, como o Boris, a quem se atribuía a propriedade do mar...

Fortaleza do ontem de todos nós, dos meus verdes anos, entranhada em mim desde que te vi quando aqui cheguei, de Pacatuba, pela mão de meu pai...

Primeiro, era ver o mar ("um açude, pai"), as jangadas do Juvenal, o coqueiral da praia; beber água de coco, correr pisando a espuma das ondas... Depois... Ah, esse depois foi um logo, um já pra te querer!

Passeio Público, Praça do Ferreira, Politeama, Mercado, Outeiro, Prainha... O Prado, ah, o Prado, onde no desenrolar das porfias de futebol corriam cavalinhos atiçados pela banda de música...

Fortaleza, guardo ainda hoje, ao cantar de ontem das cirandas! Os velhos sentavam-se na calçada, numas cadeiras listadas de encarnado e preto, as preguiçosas...

Minha mão tremia de frio, e sempre era noite de luar, e nessas horas quem moço era, cantava, Ora, digo-te então, não tive bicicleta, mas cavalo branco de artista de cinema. Nas tardes de sábado, galopava pelo Alagadiço, apostava corrida até o açude do João Lopes...

Domingo, depois da igreja, ia visitar os velhinhos da Conferência de São Vicente de Paulo.

Ah, os homens de vida murcha!

Pensavam nada me dar em troca do estipêndio do coração, mas como eram generosos!

Por eles aprendi a ver o teu passado, a ver-te com outras cores e outros sons, a ter noção da cidade que crescia quando eu ainda era singelo menino de Pacatuba, distante de ti.

Ah, Fortaleza! És tu o mundo todo que fui até agora! O sentido de vivência doméstica, da contemplação e da paz, das lágrimas pelos que se foram e do riso pelos que chegaram!

Quando de resto não me acudirem mais as forças, e a minha mão tornar-se trêmula a ponto de não mais poder louvar-te, mesmo com a debilidade de aprendiz e alvoroço de apaixonado, quero que escolhas, como minha, a tua definição cantada pelo poeta triste, mas sábio:

Cidade feita para as lágrimas e para os deuses, para as súbitas e inexplicáveis alegrias.

# A Praça

I

m recente consulta à opinião pública, tornou-se consagrada como o principal ícone de turismo, do cearensismo, de nosso oba-oba, a Praça do Ferreira. Mas, que praça? A de agora? A de ontem?

As muitas praças pretéritas? Ou, simplesmente, a que está descrita no romance "A Afilhada" (de Oliveira Paiva), uma das raras e importantes obras ficcionais, na qual o logradouro é vivenciado com destaque?

A praça das inquietações saudosistas do cronista e historiador Mozart Soriano Aderaldo?

A agradável praça de bancos esverdeados, alcançados por ele e por mim, e também de verdes canteiros de muita grama aparada e poucas plantinhas de flor? Ou a atual, nova, moderna, posso até dizer, de arquitetura bem desenhada mas sem história?

No tocante: será que os eleitores, a gente toda que votou, no tocante, estava lembrada da praça dos quiosques em cada canto, nos quais iam palrar os apressados ou uns tantos intelectuais encervejados (e nem por isso menos sonhadores), fregueses do Café Java?

Ou a praça de antes, de muitos anos atrás, que tinha outro nome – Feira Nova? Essa, por cujo modesto passeio de piso em pedras e areia os preguiçosos metiam-se a atravessá-las em diagonal, a encurtar caminho?

Ou a praça de árvores centenárias, cajueiros e mangueiras que ensombravam cariciosamente os frades-de-pedra portuguesa? Ou a praça que se chamou Jardim 7 de Setembro, de espaço zelosamente guarnecido de grades, e onde se erigiam duas ou mais estátuas, possíveis irmãs das que ainda hoje perseveram no Passeio Público? Mas que praça, a vitoriosa, dessa ampla consulta às multidões?

Agora falo mais de meus tempos, um pouco mais recuado de nossa época, dias de existência de praça privilegiada para comícios, madre oficiosa de debiques e agitações populares, tribuna álacre e ampla do discurso político de rua, sem alto-falante, quando as idéias se propagavam à base do inflamado peito do orador, ou, quando dava de acontecer, em certos momentos do ano, sob o império da patuscada carnavalesca, e aí o desfilar do corso a demorar circulando o quadrilátero, de um lado os carros de passeio (capotas abaixadas e

escamoteadas a modo de sanfona) e, do outro, travestis pândegos do bloco d'"As Marietas", aplaudidos por dócil gente de meia máscara, a sucumbir ao inebriante (embriagante mesmo) perfume do cloretil...

Que praça, pois, de tantas, a escolhida?

Porventura a decadente senhora, mas sedutora, renovada pela intervenção da cirurgia plástica dos urbanistas? Onvenhamos: dos monumentos artísticos (e também culturais, etc, ou simples locais de entretenimento e lazer, afinal de contas) menos identificados fisicamente com o passado, dos tantos referidos ultimamente, tornou-se vitorioso das preferências (a meu ver discutíveis) a carismática Praça do Ferreira.

O Theatro José de Alencar, por exemplo, sem a menor dúvida põe-se ainda hoje, de pé, sem intervenções comprometedoras. Alguém que tenha participado das comemorações do dia inaugural de suas atividades, revisitando o esplendente edifício, terá, na exata, a sensação de reencontro.

É que, desde a entrega do prédio ao público, nada lhe foi acrescentado capaz de alterar o delineamento de sua representação arquitetônica. Pelo contrário, as intervenções ali praticadas foram bastantes felizes, valendo a ação para a valorização do espaço pelo lado da Rua General Sampaio,

com a reconquista de área, anos a fio, ocupada por imóvel da saúde pública.

E o Forte? Pelo menos desde o final dos anos trinta, do século passado, quando me acostumei a contemplá-lo com admiração e orgulho, praticamente guarda ciosamente os seus contornos apreciáveis. E mais: ali está firme o apelo ao passado, a relembrar momentos de nossa trajetória no tempo, circunstância que coloca o monumento em posição privilegiada no cotejo até mesmo com a sedução e peso histórico do Passeio Público, pois desfruta de ligação aos anos mais remotos de nossas origens, quando o Pajeú – custa crer – parecia farto de águas, a ponto de acolher embarcações de porte.

E o logradouro premiado, a nossa Praça do Ferreira? O turista, convém mencionar, vai a toda certeza precisar do apoio de guia saudosista, capaz de explicar o que não mais está ali, o que só a muito esforço podemos, com enternecimento, identificar no que restou simbolicamente ereto em ambiente que, infelizmente, nada "fala" de gloriosos antecedentes.

A Praça do Ferreira foi vitimada pelos novos tempos, de particular pelo crescimento demográfico que impôs ao local total substituição de domicílios, em certos momentos, por firmas comerciais.

Até aí pode-se dizer que o logradouro assumia sua posição de praça do povo, de mercancia e política, ensejando a presença de multidões (por então dimensionadas em até mil pessoas), entusiastas dos comícios.

Por diante, por volta dos anos cinquenta, o espaço tornou-se insatisfatório, e as grandes concentrações de pessoas foram parar na Praça José de Alencar.

Ficaram as opções pelos cinemas, sorveterias, bares, vitrinas de exibição das grandes lojas, e o desfilar de damas e cavalheiros depois das sessões cinematográficas...

Já ao final da década de oitenta, fracassada a hotelaria da periferia, os cafés já não admitiam pessoas sentadas, e mesmo o serviço prestado, ao pé do balcão, sucumbia.

Como não bastasse, desde os anos sessenta, mais e mais a cruel mania de modernizar a praça... Assim, pelos caminhos da maquiagem arquitetônica, pela fuga de freqüentadores, pela mudança do pólo comercial e social para os bairros (como a Aldeota), fomos também assassinando a Praça...

# A Praça

### III

Vo tempo que era, foi e deixou de ser, está certamente a minha praça, a praça de muitos, a toda certeza, e que em mim matura gestionando a lembrança remota de meus verdes anos, quando dei de freqüentá-la pela mão de minha mãe, a ir às compras em manhã de sol frio, nas lojas de tecidos, enquanto a boa e santa senhora, para me aliciar para percurso que fazíamos, prometia, cumprindo, demorar diante da vitrina do Bazar Alemão, sítio em que se arrumavam tentadores brinquedos importados, de especial um locomóvel alemão, movido a álcool, que continua comigo funcionando subjetivamente...

E mais valia ir à praça, a do Ferreira, para testemunhar a animação do carnaval, por então, a me encontrar taludo, garotão, e inflado de ousadia e entusiasmo, portando o tubo de lança-perfume.

Ah o cloretil, tempos antes do Rodo metálico e que podia ser adquirido em duas versões: prateado ou em cor de ouro velho. Contei antes e me repito: eu achava que o cloretil só tinha a serventia de ser atirado aos olhos das pessoas. Puro equívoco. Havia sempre ao redor de mim, em maioria, atrevidos senhores tocando o frio jato para o busto das mulheres, o que me parecia algo muito errado.

Mais tarde, pelo limiar da década dos anos quarenta, cansei de ficar no logradouro, aí sentado, solenemente preguiçoso, ao lado de colegas, molemente largado no banco de madeira, tintada de verde, a cor sugerindo revaldo que jamais sucumbe.

Alguns dos de Clã, não de forma habitual, tomavam assento à noite ou só ao final das tardes dos sábados, quando a vida não pedia pressa ao mundo.

Os tais bancos, esverdeados, formando repetidos quadriláteros, punham-se a modo de proteção a modestos canteiros de grama bem aparada como contei, coisa de lapinha, de onde cresciam roseiras, as rosas ternas e olorosas...

Tempo em que não existiam floricultores, mas perseveraram rosas e gerânios nas casas, como de minha mãe, jardineira de cuidar de seus jarrinhos abarcados por papel crepom e enfileirados na mureta do alpendre, ao final da casa...

Praça, dessa lembro, de árvores altanadas e esgalhadas dando muita sombra; praça de tempo em que a cirurgia plástica do urbanista não havia ainda aberto espaços a aumentar a área de estacionamento de automóveis.

Praça sem bancas de revistas e jornais, mas de placar, o que queria dizer lousas de madeira dispostas ao redor das próprias árvores e onde os editores de jornais iam colar, de anúncio, as notícias mais importantes do dia...

Praça de coreto antigo, senhorial. Depois, praça de sólida Coluna da Hora, cujo relógio marcava o tempo transcorrente com sonoras pancadas, agradável som que se podia ouvir longe, na Rua do Imperador, na casa de meus pais.

Praça do Ferreira chamouse antes Feira Nova, para estar diferenciada da Feira Velha, mais antiga – evidente. Restaurada, para o prazer dos moradores, preserva-se as árvores mais copadas, como possível ver, resgatadas, em foto inserida no famoso "Álbum de Vistas do Estado do Ceará", de 1908.

Aí a visão ainda de assentos domésticos, embora predominassem os estabelecimentos comerciais, como acontecia por esses dias mais remotos.

Dessa feição, acolhedora e provinciana, quem nos dá a melhor idéia, de quantos escreveram a respeito do tradicional logradouro, é o escritor Oliveira Paiva no romance A Afilhada.

No meio da praça estavam o cata-vento, a caixa d'água praticada em armação de ferro fundido. Ao lado o cacimbão, conjunto de abastecimento nada diferente do que ocorria em áreas semelhantes. Esses elementos são descritos pelo romancista:

"Os moleques e as crioulas agrupavam-se em torno do liso cacimbão de pedra de lioz, no meio da área, e enchiam os potes e canecões no chafariz da Walter Company, um quiosque de ferro miudinho e bem acabado. Algumas cavalgaduras cochilavam presas pelo cabresto nos frades de pedra".

Tal o aspecto físico, urbano, da praça no último quartel do século XIX. Nos quatro cantos funcionavam, ensombrados por árvores acolhedoras que ali prosperavam, o Café Java, Café do Comércio, Café Iracema, Café Elegante.

Em 1871, conta Raimundo Girão, "decorridos mais de onze anos da morte do boticário, a Praça, que também atendia com o apelido de Praça Municipal, tomou a denominação de Praça do Ferreira — dizia textualmente a indicação do camarista Amaral Júnior — aos relevantes serviços que prestou o tenente-coronel Antônio Rodrigues de Ferreira..."

Em 1902, o prefeito concluía a reforma da Praça. Da remodelação surge, esplendente, o Jardim Sete de Setembro.

O local torna-se mais civilizado. Preservados os quiosques, mas a intimidade do novo ambiente fica protegido por elegante gradil.

Há bancos bem planejados. Sobem novos arbustos. Estátuas. E outro, cortando o caminho interno, de um lado a outro, cortando o espaço

Louis Gonthier & Cia, a seu turno, mantinham no número 52 a mais bem frequentada joalharia "Suissa" (Suíça), vendendo lunetas, objetos para presentes, jóias, obras de ouro e prata, e cuidando da vida dos relógios de bolso e parede.

Vasconcelos & Cia, conceituada empresa, no número 21, fazia-se respeitada pelas bebidas que vendia: conhaque, cerveja, além de – curiosa mistura – pólvora, chumbo, espoletas e fósforos, desses, podendo os clientes escolherem os de madeira ou cera.

Edgar Borges vendia a sorte em loteria nacional. O estabelecimento ficava no 179, enquanto a loja "Chysanteme", de A. Nunes Valente, negociava finos artigos de moda, a concorrer nessa especialidade com a bem sortida loja, muito afreguesada, Casa Americana, de F. Rosa & Cia.

Quem desejasse se abastecer de bons fumos, a toda certeza teria de valer-se da tabacaria de Philomeno Gomes & Filhos (casa número 178). No estabelecimento vendiam-se os mais afamados cigarros da época: "Zig-zag", "Felipe", "Laurita", "Eduardo VII", mais a novidade daqueles dias, o famoso "Dois Kilômetros". Esses últimos compridos cigarros, 16 cm, tão estirados, que cortados ao meio podiam ser fumados em duas oportunidades distintas, como anúncio de jornal sugeria aos fumantes... Carteira vendida por 400 réis.

Como comentei antes, foi esse produto exageradamente "alongado", precursor dos modernos cigarros tipo "long size", que só chegaram em Fortaleza nos últimos dez anos...

Quem apreciava ler jornais e revistas podia dispor de livraria instalada na Praça.

E senhoras e cavalheiros, no número 30, tinham os belos chapéus de sol ou variados tipos de sombrinhas, ali manufaturados pela fábrica de propriedade de Torres & Mota.

São dados valiosos extraídos do "Almanaque do Ceará para 1918..."

Sem que a cidade pressentisse, as casas residenciais a pouco íam-se afastando dessa praça. Cada vez mais raras as residências até mesmo na Barão do Rio Branco.

Mais à frente, a praça – Praça do Ferreira – ficaria mais na saudade de cada um de nós.

Na verdade, cada um de nós tem a sua praça, a Praça do Ferreira... que merece.

# A Latrina Inglesa

oje conto, inspirado em anúncios de jornal, o que havia de proposta boa para negócios imobiliários em Fortaleza.

A cidade vivia a segunda década do século ainda na vigência de seus primeiros anos, a sentir ir-se a urbe a empenho de usufruir as vantagens dos novos dias, embora nada disso representasse muito ou fosse modificar o sentido provinciano da época.

Por isso, dou-me a interesse de resgatar a preferência da sociedade por casas bem dotadas de melhoramentos, em momento em que as exigências de higiene começavam a modificar para melhor as preocupações da construção civil.

Desse modo à boa residência não deveria faltar o "meio quarteirão" de quintal, e por igual a presença da higiênica "latrina inglesa", além do banheiro, já agora concebido como cômodo inserido no corpo do imóvel, e não edificado (como antes) fora do edifício, quando não de raro acontecer, situado a meio caminho para o fundo do quintal.

Em anúncio publicado em "Unitário" (12.06.1912), além da então denominada "latrina inglesa", o vendedor de casa (como divulgado em anúncio da venda) chamava a atenção para o quintal, espaço realmente monumental, "com quase duzentos metros de comprimento, todo plantado".

Aliás não se viam anúncios de casas com jardins, importando sempre os quintais bem cultivados.

E como o primeiro imóvel, esse oferecia o conforto de "bom banheiro".

Outro proprietário queria igualmente pelas páginas de "Unitário" (28.03.1912) alugar "magnífico prédio", o de número 150-A, localizado na Rua General Sampaio, guarnecido também de "banheiro, latrina inglesa", e a dispor ainda de "grande quintal" arborizado com portão de saída para a rua, no caso a Duque de Caxias.

A latrina, na verdade, era um vaso sanitário, fazia moda.

Chegava à preferência dos hábitos de higiene, e, a tanto, a tornar obsoletos os banheiros (com retrete) de fundo de quintal, e fazendo excluídos dos quartos — naturalmente sem protesto dos mais idosos — os urinóis que ostentam, até hoje, longo anedotário a respeito.

O vocábulo latrina (do latim sob a mesma grafia) insere-se na linguagem da sociedade a par-

tir do século XVI. O dicionarista Cândido de Figueiredo conta pouco a respeito.

Em verdade os dicionaristas se repetem; têm pouco a dizer de latrina e de vaso sanitário.

Em nosso caso o que se dava em verdade era a chegada do vaso sanitário industrializado, em circunstância que acrescentava indispensável item de atualização às casas da cidade.

O produto, especulo – até agora com poucos esclarecimentos –, devia ser importado, de origem inglesa a toda certeza.

Já pelos anos trinta todas as residências estavam guarnecidas de latrinas (vamos dizer sentinas) do tipo inglês, mas já aí manufaturadas no País.

Ainda tardaria a chegada do dia em que a latrina (pretensiosamente denominada W.C) viesse a se inserir ao lado das alcovas, ou, quando menos, entre os cômodos que se chamavam primeiro e segundo quartos...

## O Gasômetro e Eu

aio da leitura de "Gasômetros, incômodas relíquias da cidade industrial?" de Ana Sílvia Bloise (ver "Memória e Energia', nº 26, 1998, São Paulo), mais aprendido e mais rendido a meus passados.

Aprendido, explico, a ver que o aproveitamento industrial do gás, como combustível, deveu-se a William Mardock, em inspirado evento inaugurado em 1804.

E só por agora vou descobrir que embaixo do enorme "botijão" de gás, contemplado por mim, extasiado, ao redor de 1930, à descida do Passeio Público (a esse sítio conduzido pelas mãos da empregada que me criou), estava um lastro de água, quase piscina, onde estacionavam o artefato e os indispensáveis tubos para a admissão e liberação do gás.

Era o nosso gasômetro.

Em verdade a pressão do gás obtido ao carvão, ali contido (e minha vontade é escrever espremido) entre as paredes e a tampa de ferro do aparelho, na realidade a representar monumental caixa de metal cilíndrica, perseverava na parte inferior do depósito, permanentemente barrada pelo líquido, e em decor-

rência, a expandir-se, tocava o panelão fazendo-o subir de modo vagaroso e espetacular.

Vendo-o como a se movimentar, ou a menos a pressentir-lhe o andar, eu me empolgava com o equilíbrio da massa férrica disposta a deslizar em ascensão, e nessas condições amparada firme por múltiplas hastes (em verdade guias verticais) igualmente de ferro, que a amparavam.

E nem ligava ao que me comandava a empregada: "Vamos, fecha a boca e toma o ar pelo nariz... É a meizinha pro teu coqueluche...!

O Gasômetro da Ceará Gás vinha de longa data. Começara a operar em Fortaleza em 1867.

Expandiu-se, contratado pela administração da cidade, depois de auspiciosa experiência de iluminação pública, vou saber agora.

Cresceu em número de usuários em instalações inclusive em domicílios, possibilitando às residências o uso do fogão a gás.

Alcancei ainda o piche largamente aproveitado em pinturas de rodapé.

Como imagino, não se tinha o cuidado de edificar imóvel sobre anel de cimento armado. Assim as paredes de residências (inclusive a de acesso à rua), iam protegidas por larga cinta de piche, empenho – todos diziam – para resguardo da umidade.

Chamava a atenção a insólita barra preta. Em algumas frentes de casas, a atingir oitenta centímetros.

[2]

Após 68 anos de funcionamento, o que vai ocorrer afinal em 1914, aquele imponente panelão de ferro parou de mexer. Já não subia mais. Não mais atraía os meninos que lhe chegavam ao pé, para aspirar pretenso e salutar odor insípido, se assim posso dizer, algo talvez nem do artefato fosse, mas do Poço da Draga, que o odor estava mesmo mais identificado com o de maresia.

Walter Severiano, desenhista e pintor (tomo esses dados a valiosas anotações, não publicadas ainda, de meu amigo, pintor Roberto Galvão) eternizou em tela de 18x24 o tal famoso Gasômetro, deixando inseridos na criação pictória os "dois enormes cilindros de ferro, pintados de zarcão e semicorroídos pela ferrugem; ao redor, colunas onde descansavam grandes anéis oxidados pelos anos e presos nos carcomidos parafusos. Aquelas possantes caixas destacavam-se na diáfana poeira de um céu de cobalto franjado de nuvens".

Isso mesmo.

Quando me via já rente as ondas, na praia, depois do aclive do Passeio Público, eu apréciava parar, demandando a ver ao alto, desenhada, a figura do gasômetro.

Também mais via a esses instantes, o céu de Fortaleza – lindo, lindo! –, e também todo franjado de nuvens.

# O mar, o mar no Ceará

Aos repuxos das ondas, a jangada, Serena e forte, a branca vela enfuna.

Mário Linhares

mar, no Ceará, são os sertões do jangadeiro; a jangada, a ágil alimária de suas caminhadas impossíveis.

A moldura atlântica, em que se insere o pescador cearense, não guarda apenas o fascínio das histórias misteriosas do Cavalo Marinho, ou da embarcação fantasma que veleja na vastidão oceânica, luminosa e assombrante.

Esse mar tem apelos táureos e não se aparta, nem se exclui, da intimidade e convivência do sertanejo, vaqueiro por vocação.

E adentra o Ceará, a se lhe dar farto e generoso com o vivificante sopro dos alísios, alegrando de tal modo Fortaleza, que, ao depará-la em 1866, Luiz Agassiz não deixou de proclamá-la livre de "ar triste, sonolento"...

Quem diz mar, diz jangada, diz jangadeiro.

Em cada um desses vocábulos gestiona a semântica que lembra o moradia simples de pescadores pobres e desambiciosos: o pouco medo e a muita coragem que entretecem o quotidiano de quantos, como vergéis irremovíveis, plantam-se à beira-mar, à vida inteira. Acrescente-se à paisagem florente, que inspira, a toponímia afeiçoante: o Pirambu, Meireles, a volta da Jurema, a antiga Praia do Peixe, hoje de Iracema; Praia do Futuro, o Mucuripe, onde se altana o Farol antigo, de gasta ancianidade, e demoram as jangadas de regresso à terra.

A pouco e pouco, o tempo apaga hábitos e costumes, mas não os extingue completamente. Visíveis as choupanas de palha de coqueiro, onde a indigência geme. Na frente, a sala de visita. Entre esta e a cozinha, de fogão improvisado, a camarinha de amor discreto. E nos quatro cantos, na intimidade pouco ambiciosa, a rede e os sonhos dos filhos que não param de nascer.

Mar e homem, nesse contexto, amanhecem cedo.

Ao derredor de cada jangada, mal espertado o dia, já se lh'a chega a marujada fiel: o Mestre, o Proeiro e o tripulante do bico da proa. Aprestada a embarcação, desinstalam-na para rolar, deslisando sobre rolos, a um quer que seja de pressa para alcançar a água, tocada por mãos que se improvisam na solidariedade praiana.

E se dá o primeiro impacto, o encontrão com a salsugem e maresia portadas na onda atrevida,

que se abrindo em formidável leque, desfaz-se numa esteira de borbulhante espuma.

Qual corcel á dura prova de desafiante obstáculo, a jangada curveteia, e em verdade flecha, dispara, voa: os seis paus piuba, que a constituem, fendem a próxima vaga, indo vitoriar adiante, plácidas e serenas, a latina vela enfunada, na qual Farias Brito adivinhou "vasto lenço esvoaçando..."

... "Para as nuvens azuis, sublime levantando as asas colossais, brilhantes como o Sol!"

Desse minuto à frente, aos olhos dos navegantes, vai-se apoucando até sumir a praia e a cidade que acorda, enquanto o mar e o alargado céu fundem-se num único e intenso amplexo de solidão, quarto inseparável companheiro da jornada.

Mais tarde, ao sol crescente, no limite da ousadia – a risca, a pouco mais de quarenta milhas da costa –, sem imprecações, os homens engendram a sorte e os anzóis.

O mar, no Ceará, é jeira divina, roça em que se colhe esperada messe na safra das "águas" que dão peixes voadores, tainhas, albacoras...

Descem linhas e anzóis ao fundo, no exercício da pesca; a linhada sem chumbada, de bubuia, voluteia fácil na impulsão do vento.

Na algidez aquática, a pressentida colheita encobre-se de verdes esmeraldinos, e a tanto vai apetecida a isca de mariquita e biquara, enquanto

o peixe se guarda, rotundo e engenhoso, em imprevisível mistério.

De repente, por sobre o barco o sol esplende aguçando a gula píscea no aclarado dia. E não tarda estremecerem as linhas, a se recolherem pesadas, não sabendo o proeiro como acudi-las, que em cada uma delas incógnito ser está negaceando na tentativa de fugir, não se render, enquanto o samburá se nutre de ciobas, pargos, cavalas e serras...

Dando hora do meio-dia, reclama o estômago. Abre-se o famel. é o que sabe bem a peixe frito, a carne seca socada em pilão, entranhada de cebola; a farinha de mandioca, a rapadura, tudo rebatido a gole dágua do barril.

Não havendo propósito de futurar uma pescaria de dormida, pelo cair da tarde a nau embica de retorno, ajudada pelo terral desaçamado.

Faz-se breve a viagem, o farol novo do Mucuripe lampejando boas-vindas que não cessam, mesmo quando a jangada atinge a praia, correndo sobre os toros de madeira apropriados de rijo cajueiro.

Acodem ajudantes, estipendiados pelo padrão monetário da orla marítima: dois peixes por paga. E também os curiosos ou quem está ali às compras. A "Rainha das Águas", aquietada em terra, recolhe a vela. O samburá, em sítio adrede eleito,

liberta o desejado conteúdo. E a breve instante, empós contadas as peças ainda esmorecentes, revive o Ceará provincial a mercância medievalesca, sem intermediação, com os compradores a escolherem o peixe pelo viço das guelras sanguinolentas e vítreos olhos.

Apurada a féria, nem sempre compensadora, soa a hora da família, do jangadeiro estar em casa; do banho de balde, do peixe cozido acompanhado de pirão e diz-que-diz, falar de coisas, de cachaça e caju, de cambica de murici, de luar e violão, e do que também não acontecendo acontece: passageiros duendes andando sobre as ondas; peixes agressivos esfarrapando a vela da embarcação.

Por diante, para quem arrisca o amor de ocasião, a furtiva passagem pela "Pensão Cereia do mar". Quem ali não vai, visita a "Casa dos índios", ou demora numa latada qualquer bebericando; ou, se enfadando, estira conversa derreado em alguma jangada pousada em terra, pensando no mar, no outro dia que se avizinha, na mulher que o aguarda na choupana, as mãos cansadas de fazer renda e labirinto, mas ainda dispostas a entretecer os fios do amor.

Era um só, são dois, hoje, os faróis do Mucuripe.

O antigo, aposentado, guarda em longeva figura octoédrica todas as emoções que sua indormida vigilância incitou. O moderno, esbelto e tronicônico, pul-

sa um luminoso clarão aperfeiçoado em precisas refrações prismáticas.

Mas a poesia do cancioneiro de afeição fala e exalta o primeiro. Pires de Saboia tem-no por "bendita luz de esperanças repleta...". E em verdade, como quis Pierre Luz, uma "sentinela indormida", redourada de amativos sentimentos:

Parece que anda escondida A noite, no teu olhar, Toda a saudade da vida De quem se foi sem voltar...

A seu turno, a jangada desfigura-se. Raras as de piuba, que a maioria praticam-na de tábuas, canoas de conviver com os artifícios da preservação marítima, pixe e juta da arte de calafetar.

O pescador; que antes pisava descalço o chão de sua intimidade, já passeia sobre chinelos de plástico. Não mais olha e vê as horas que são, pela posição das estrelas, mas pelos sinais digitais do relógio japonês, de pulso.

Não vigorante, como antes, a corneta de som amplificando a alegria das quermesses, a porfia dos partidos azul e encarnado, a mensagem sonora de "alguém para outro alguém, com muito amor."

Os samburás de cipó importam pouco; a cabaça de ontem é a marmita de alumínio, de hoje; a

linha de pescar, de náilon, não carece esfregarem-na com sumo de aroeira, nem curtida até encascorar-se de sol, salsugem e maresia, para resistir.

Mas a vela latina preservam-na ainda com a antiga inteligência da sabedoria praiana: raspa de pau, sereno e água do mar.

Na composição anatômica do barco não mais tem curso a linguagem antiga nomeando os paus de piuba Meios, Bordos e Memburas.

Não mais audível o curioso atapu, à feição de trompa em caçada real, gemendo encompridados sons, convocando os passantes ao comércio do peixe.

Prevalecente a poita, o barril dágua potável, a cuia da vela, o bicheiro, a araçanga. No entanto, raro de se ver o tauaçu, pedrouço preso a grosso cabo, de serventia na ancoragem.

O cimento armado fez-se altivo, atirando para o ar, em opção vertical, o novo sentido da habitação moderna, e plantou edifícios empafiosos renteando o mar. A praia, redefinida pela nova tendência urbanística senhoreou-se dos espaços que antes pertenciam ao povo; a tanto vieram calçadões e sítios de jazer onde se vai sentar quem chega e depois parte sem saber que o lar do pescador, em dias passados, era ali, em redor do qual vicejavam coqueiros farfalhantes, disponível a simplicidade, a pobreza e a água de coco; e como perdurante cromo de inocência a criançada feliz

deitada sobre a vela estendida na areia, em perseverante lúdica de apostar na impaciência do terral e na solerte agitação dos grauçás.

Os tempos são outros, verdade seja.

Não exagerou o poeta Faustino Nascimento a respigar em versos a àspera realidade desses dias:

E, afinal, nem sequer nesse recanto ameno
O pescador, que aqui nasceu, pode ficar:
A cidade avançou, tomaram-lhe o terreno;
E, quem não tinha pão, ficou também sem lar!...

Mas nada é bastante para modificar a longa e irrefragável tradição atlântica da cidade essencial / cidade marítima, que é Fortaleza, no dizer de outro poeta, Artur Eduardo Benevides, vendo-a como imaginamos amá-la, impregnada de beleza, e em cujas praias amplas e amplíssimos mares "pousam jangadas e canções."

Passem os dias; não passem de vez as velas brancas, pois sempre haverá em cada um de nós o sentimento inspirado de Yaco Fernandes:

> Nada importa, porém mil vezes nada Que haja tudo rolado no declive Fatal da vida de mudáveis cromos:

Fora de espaço e tempo, inalterada, A praia inexistente sobrevive . Na saudade dos jovens que nós fomos!

### Fim de Ano

📝 u sabia: estava chegando 🏻

fim de ano; breve seria Natal, o João a voltar do Café Peri trazendo debaixo do braço o "Tico-Tico" com moldes de recortar, as figuras da minha lapinha.

Ele mesmo, depois do jantar, aquiescia prazeroso em me ajudar, instruindo-me em correr a tesoura pelas partes pontuadas, as de dobrar fazendo eretas as figuras, então as tais coladas no papelão industrial, a modo de piso, aí fixadas com "grude", a chamada cola feita pela Rachel, espécie de angu em que iam pingadas umas tantas gotas de limão, para durar.

Na curta frase "fim de ano", ou melhor, "festas de fim de ano", estavam todas as emoções (e apreensões também) quanto ao Ano Novo que se anunciava. Como éramos todos vindos de alguma cidade interiorana, e em nosso caso, serrana, assim meros citadinos circunstanciais, a preocupação maior era pelo inverno, pelos dias de muitas ou poucas chuvas que podiam acontecer.

Estávamos isentos de vocábulos que hoje fazem a moda e martírio das pessoas. Os da Rua

do Imperador não se interessavam por possíveis alterações do dólar.

Ignoravam os caprichos do comércio internacional, pois tudo em matéria de negócio começava e terminava da Praça do Ferreira até a área do Mercado Central.

Nosso orgulho nacionalista do café, de país que mais o colhia e vendia, e às vezes o queimava, em estratégia para regular o comércio internacional, algo que para meu pai parecia insensatez, enquanto minha mãe, pouco entendida nesse jogo artificial de oferta, repetia:

"Meu Deus, queimar o que faz tanta falta aos pobres!"

Não se tinha o hábito de permutar presentes.

Para dizer a verdade já se falava "em meu Natal", a frase aí querendo significar remuneração extra, fato que direcionava algumas pessoas à nossa porta, a vexar minha mãe, a cobrar dela "o Natal".

Nessa semântica de costumes e hábitos bem singelos me criei, certo de que o "fim do ano" significava também a oportunidade de ver coisas que só aconteciam nessa época: o pastoril do Patronato, da Imperador, a lapinha sem movimento da Casa de Saúde César Cals, os brincantes dos congos, e já de modo muito raro, do bumba-meu-boi.

Tempo de conversa mais animada na calçada, a se repetirem as bandejas de café, enquanto os

homens de mais prosa, como o maquinista Victor, era chamado a repetir, para meu deleite, a história da descida de seu trem de carga, "embalado" (o que se devia entender "em alta velocidade"), pela ladeira do Itapaí, a locomotiva sacolejando, os carros querendo pular dos trilhos, os guarda-freios aos gritos, breques não valendo nada...

Eu ia para a rede mais cedo, perdendo outras recordações como as que contava meu pai narrando viagem, em 32, ao interior de São Paulo...

Tinha de ser assim, pois ainda existia Papai Noel. Cobravam de mim, e eu a obedecer crédulo, a deixar meus tamancos embaixo da rede...

Ao acordar cedo, ouvia minha mãe me dizer: "está vendo como tem boa recompensa o menino que é bom?"

Agora está tudo tão longe de mim... Mas que saudade dos tamancos!

### II

Estrela era estrela e não satélite artificial.

Não se sabia o significado de "frente fria", pois a determinante de boas chuvas era o direcionamento da fumaça das chaminés da usina de energia elétrica, movida à lenha, situada em local mais abaixo do Passeio Público. O homem não se tornara ainda pretensioso, cruel e arrogante; nem tinha os poderes para alterar o percurso dos fenômenos da natureza.

Valia mais, portanto, aos anos trinta, olhar e ver o chamado "buraco da velha", aquele concentrado canto negro de nuvens densas, decisivas a anunciar aguaceiro próximo.

O fim de ano, tradicional e não ruidosa transição do calendário, a dizer mais de perto a sentimentos da família.

Quem se albergava pela vizinhança da casa da Rua do Imperador, quando muito deixava suas preocupações de ordem familiar para conjecturar, como contei antes, sobre como seria o inverno, a vindoura estação das águas.

Se já chovia em dezembro, tanto melhor. Estava aí o bom aviso divino de que Deus não deixaria o Ceará a desamparo...

Minha mãe, pessimista, às vezes comentava: "Será que no próximo ano estarei viva para ver a entrada do ano?"

- O João, baforando o inseparável e fétido cigarro "Acácia, contestava ríspido:
- "Mulher, onde está tua tão proclamada fé em Deus? Diz isso não."

Na cozinha a Rachel dava de mão a tanger a culinária do dia, a quituteira da noite, bolo de milho, outro de carimã, pontuando a informação de que não faltaria café para quem estivesse na calçada, à espera da entrada do ano...

Quando a conversa esmorecia, alguém despertava um ou outro a se render ao cochilo, observando em voz mais alta:

- Contei até agora mais de vinte pessoas indo em direção à Praça do Ferreira...

O João explicava. Aquela gente ia juntar-se para ver queimar fogos na praça, no seu entender dinheiro fácil jogado fora a divertir basbaques...

Os da roda se solidavam em torno idéia de que se devia esperar o Ano Novo em casa, em família.

Vez da Isabelzinha, minha mãe de criação, estranhar (e o fazia todos os anos) não se ter à meia-noite "a missa do ano"...

Mais gente a passar, sem cessar, para a Praça do Ferreira.

Ruídos de tambores, não de raro, mas intenso o som de guizos, ou nervoso chocalhar de maracás de certos fandangos que vinham porfiar em terreno baldio na vizinhança.

À terceira bandeja de café (ninguém ali sabia o que era adoçante artificial...), irrompia o perfume do bolo de milho a agitar recordações. Lembradas as pamonhas, as canjicas, de passadas vezes.

A rua então de areia, pelo mês de junho (acudiam todos a recordar) tinha rapazes e até os mais idosos, em círculo aberto jogando peteca, o brinquedo feito de palha de milho...

Meu pai, via-se nessas horas metido no menino criado em Pacatuba. A Isabel recordava um passado com odores de sacristia e velas bentas... Mais ruídos. Foguetes! Guizos. Agora, havia silêncio, o silêncio consensual dos que recordam.

Quando assim estavam todos navegando em saudade, minha mãe de certa vez estragou tudo:

- Já me disseram que o calçamento vai passar aqui... Depois de feito, proibido acender pau de fogueira na rua...

Calaram-se todos, maltratados pela realidade do progresso.

Fez-se tamanho silêncio, tão profundo, tão incomodante, a ponto de arrancar da Rachel, que viera recolher as xícaras, o comentário:

"- Virge! Parece que morreu galego...".